

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Novembro de 1994

CONSTRUINDO FAMÍLIAS:



Precisamos que Deus o faça

**Leituras para a Semana de Oração
19-26 de Novembro de 1994**

NESTE NÚMERO

- 2 **A Família Adventista**
Por Leo Ranzolin
- 3 **Fortalecendo os Nossos Lares**
Por Robert S. Folkenberg
- 6 **O Discipulado do Casamento**
Por Karen e Ron Flowers
- 8 **O Que Deus Espera dos Pais**
Por John e Millie Youngberg
- 10 **Auxílio Para as Mães Num Mundo Moderno**
Por Kathleen e Jonathan Kuntaraf
- 12 **Reunindo os Pedacos**
Por Ralph e Imogene Thompson
- 14 **Solteiros na Família de Deus**
Por Audrey Johnson
- 16 **Objectivos da Paternidade**
Por Emílio e Ada Garcia-Marenko
- 18 **Estando ao Lado dos Nossos Filhos para os Poder Ajudar**
Por Ellen G. White
- 20 **Para as Crianças: Histórias Bíblicas Acerca de Pais e Filhos**
Por Virgínia e Calvin Smith
- 29 **Mensagem do Presidente da Conferência Geral**
Por Robert S. Folkenberg

A Família Adventista

*Fazendo do nosso lar um lugar de cordialidade,
união e crescimento espiritual.*

Mensagem dos Dirigentes da Conferência Geral

Os meus olhos fixaram-se no primeiro artigo da *Gazeta de Burtonsville*, de 5 de Janeiro de 1994.

O seu tema: O Ano Internacional da Família.

Impressionou-me imenso a reportagem sobre o «clã Foulger», uma família unida, que faz gala dos seus seis filhos e 48 netos! Quatro dos filhos vivem junto uns dos outros, num sossegado beco da área de Washington D. C. Os outros dois vivem a poucos quarteirões de distância. Quanto ao avô e à avó, moram a menos de cinco minutos deles.

Num mundo de mobilidade e numa época em que pais e filhos vivem tão separados, esta família gosta de estar junta e o seu tempo nunca é aborrecido. Dizia uma das filhas: «Todos os dias são dias de festa. Há sempre alguém com quem brincar, jogar, com quem estar, algum lugar onde ir.» Não têm problemas em arranjar quem tome conta das crianças e há sempre coisas acontecendo. Os membros desta família estão empenhados em se apoiarem uns aos outros.

Fiquei também impressionado com o profundo interesse dos Foulger em transmitir as suas tradições – familiares e espirituais – aos filhos e netos. May Foulger, um dos membros do «clã», disse: «A nossa fé tem muito a ver com a maneira como vivemos. Coloca-nos de harmonia com as palavras «união familiar», que constituem uma parte importante das nossas crenças. Para nós, a família é a base.» No Natal de 1993, o projecto dos Foulger foi preparar camisolas de malha para todas as crianças da família, com os seus nomes e números de ordem de nascimento, nas costas - tal como uma equipa de futebol!

Que exemplo para as famílias de hoje! Deveríamos reconhecer que a família é, de facto, a base da verdadeira felicidade no mundo. Sabendo isso, Satanás está a trabalhar, mais do que nunca, para destruir a família. Ele está atacando-a de todos os ângulos.

«A nossa obra para Cristo deve começar com a família, no lar», diz Ellen G. White. «Não existe campo missionário mais importante do que esse.» (*O Lar Adventista*, p. 35.)

Oremos para que as leituras da Semana de Oração de 1994 sejam uma bênção especial para todos os lares adventistas em todo o mundo. Que o centro das nossas actividades e da nossa atenção especial seja **fazer do lar adventista um exemplo de verdadeira piedade!**

«O mais agradável símbolo do Céu é um lar presidido pelo Espírito do Senhor.» (*Ibid.*, p. 15)

Que estas mensagens possam ajudar-nos a exaltar Cristo nos nossos lares e a preparar os nossos filhos para a eternidade!



LEO RANZOLIN

Leo Ranzolin é vice-presidente geral da Conferência Geral dos A. S. D.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL
Novembro de 1994 - Ano LV • Nº 570

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83

FORTALECENDO OS NOSSOS LARES

Os elementos de um verdadeiro lar cristão

Robert S. Folkenberg

Com amorável cuidado, o Senhor coroou a criação do nosso planeta com uma criatura de espécie diferente – os seres humanos. Em vez de pela palavra trazer à existência o primeiro homem, como fizera com as outras espécies de seres, Deus realizou um acto único, ao modelar os elementos essenciais do homem, soprando, a seguir, pessoalmente, nas fossas nasais desta maravilhosa nova criatura, a própria essência da vida, e assim «o homem foi feito alma vivente» (Gén. 2:7).

Único em origem, por uma obra específica de Deus, este novo ser partilha algumas características de Deus, pois foi criado «à imagem de Deus» (Gén. 1:27). Como tal, é plano de Deus que ele se relaciona inteligentemente com outros seres humanos, e por isso a narrativa bíblica continua: «E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele» (Gén. 2:18).

E assim, o Senhor forma uma mulher «e trouxe-a a Adão» (v. 22). Em alegre júbilo, Adão rompe em exclamações de alegria, registadas na Bíblia como o primeiro verso poético: «Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne.» «Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne» (Vrs. 23 e 24).

Deus está aqui instituindo a primei-

ra família, trazendo à existência os meios que designou para responderem a todas as nossas necessidades, pessoais e interpessoais, e criando a base a partir da qual nós podemos adquirir a nossa identidade e a compreensão de nós mesmos.

Na família, cada um de nós tem um lugar, seja pai, mãe, filho ou filha, parente mais chegado ou mais afastado. Este é o espaço onde podemos encontrar aceitação, encorajamento, orientação e, sim, piedosa disciplina. Aqui aprendemos as ideias fundamentais do autodomínio, do que é certo e do que é errado, e, acima de tudo, aqui temos o primeiro contacto com a alegria de uma vida entregue a Jesus e a esperança da Sua breve volta.

Fui forçado a lembrar-me que a natureza humana básica é pecaminosa e egoísta, quando a minha filha Kathi era ainda uma bebé de fraldas. Vivíamos, nessa altura, na cidade do Panamá, onde às vezes faz muito calor. Um dia, enquanto a Kathi andava por ali, aconteceu alguma coisa que a fez zangar e ela atirou-se ao chão, gritando e batendo com a cabeça no soalho. Fiquei chocado ao ver toda aquela incontrolável paixão, vinda de um pequenino corpo de dez réis de gente, que nós tanto amávamos. Ajoelhei-me junto do pequeno monte de fúria, segurei docemente a sua cabeça nas minhas mãos, e disse: «Se tu queres bater com a tua cabeça no chão, deixa o papá ajudar-

te!» De repente, os olhos dela abriram-se com surpresa. Tomei a sua cabeça nas minhas mãos e, sempre terna e docemente, abaixei-a até ao chão. De algum modo essa experiência ficou registada na sua mente em desenvolvimento. De facto, essa foi a última vez que me lembro de ela ter tido um acesso de mau génio.

Quando pensamos nestas coisas, parece que todas as sociedades estão apenas a 20 anos, talvez até a um pouco menos, da barbárie. Vinte anos é tudo o que precisamos para realizar a tarefa de educar e treinar - como se se tratasse de civilizar - as crianças que cada ano nascem no nosso seio. Estas crianças nada sabem da nossa língua, da nossa cultura, da nossa religião ou dos nossos valores. São totalmente ignorantes dos males espirituais e políticos do nosso mundo.

Não admira, pois, que o modelo bíblico de como as pessoas se devem relacionar umas com as outras esteja sumariado em termos de família. Somos convidados a dirigir-nos a Deus como «Pai nosso». Jesus falou continuamente *de Deus e a Deus* em termos de família. Como crentes, consideramo-nos uns aos outros irmãos e irmãs. As congregações locais espelham da melhor maneira a mesma espécie de interesse, afeição e apoio mútuos que existem nas famílias que funcionam de acordo com o plano de Deus.

Mas as famílias estão hoje em grande perigo. Já a primeira de todas as famílias teve de enfrentar o horror do sangue de um filho bem-amado derramado às mãos de um outro filho. Hoje nós constatamos que entre as famílias ressoa desafeição e inimizade, que concitam mesquinhas invejas e espíritos não perdoadores, que separam irmãos e irmãs, pais e filhos, e que despedaçam os laços de amor e união que Deus instituiu para que fossem uma bênção para todos nós. Jesus diz-nos que «Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar as vossas mulheres» (Mat. 19:8). E o Salvador acrescentou com tristeza: «Mas ao princípio, não foi assim» (v. 8). Vemos aqui o próprio Criador que unira Adão e Eva lamentando agora a alteração que deformara algo de muito bom que

Ele instituíra como ideal para todos os Seus filhos.

A dureza de coração continua a aumentar a dor à medida que nos afastamos cada vez mais do ideal de Deus para a família. As taxas de divórcio nos países ocidentais estão-se aproximando das taxas de casamento. E à medida que os lares se desmoronam, nós podemos ver o declínio da civilização.

Por toda a parte o rompimento das famílias gera problemas difíceis, contribui para o aumento do crime, para ampliar o abuso de drogas e para o crescimento dos níveis de violência de uns para com os outros. Hoje tudo isto constitui enorme problema para os governos, enquanto o seu impacto na igreja de Deus é devastador. Nós sabemos que muitos dos que desanimam e se afastam do companheirismo da igreja o fazem sob a pressão de fracasso familiar, de famílias que se rompem. O ressentimento juvenil, causado pelas tensões familiares, traduz-se muitas vezes em rejeição a Cristo como o verdadeiro Senhor da vida de cada um e o jovem flutua à deriva, levado pelas circunstâncias. O trauma do divórcio leva muitos outros a desistirem da sua forte consciência cristã e a voltarem-se para meras preocupações do dia a dia, carregando sempre o fardo da culpa.

Nós fomos advertidos de que no fim do tempo a estrutura da família iria ser alvo de ataque especial de Satanás. Paulo escreveu a Timóteo sobre uma geração que cada vez mais se centraria em si mesma, afastando-se do ideal de vida que a todos devia conservar juntos em harmonia, para mergulharem o mundo em confusão e desordem (II Tim. 3:1-4). Também não esquecemos a advertência de Jesus, de que no fim, o mundo haverá de voltar aos valores que prevaleciam exactamente antes do Dilúvio. Hoje, nós vemos todas estas coisas, em volta de nós.

O facto é que vivemos num mundo fragmentado e a igreja não deixa de ser afectada por esta fragmentação. As muitas famílias de pais solteiros (com um só progenitor) que existem no nosso meio e foram destruídas pela separação, abandono ou divórcio precisam de encontrar apoio familiar nas nossas

igrejas. Em vez de sentirem o olhar de censura e reprovação por parte da igreja, tais famílias precisam de sentir o apoio e a compreensão da igreja ao tratar dos seus problemas.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm o privilégio especial de levar a um mundo perturbado e angustiado as boas-novas de que o caminho de Cristo provê respostas para os seus problemas. A nossa mensagem para o mundo não é apenas que os solenes juízos de Deus não-de cair brevemente sobre um planeta em rebelião. A nossa é também uma mensagem que apresenta ao povo um Salvador decidido a socorrer

O principal modelo bíblico

de como as pessoas se

devem relacionar umas com

as outras é sumariado

em termos de família.

os Seus filhos. Precisamos de exemplificar na nossa igreja e nas nossas vidas a forma como Deus nos resgatou, socorrendo e ajudando as famílias em dificuldade. As igrejas que actuam de acordo com os grandes princípios ensinados por Jesus proporcionam aos pais solteiros e aos filhos de lares desfeitos um lugar onde encontram estabilidade, apoio, amor e o ambiente próprio para a desenvolver uma experiência cristã sólida.

Um lar cristão não é só um abrigo em que recuperamos das feridas que a vida nos infligiu; a sua influência vai mais além. Como Ellen White nos lembra, «a missão do lar estende-se para além do círculo dos seus membros. O

lar cristão deve ser uma lição prática, que ponha em relevo a excelência dos princípios verdadeiros da vida. Semelhante exemplo será no mundo uma força para o bem.» «O lar em que os membros são polidos, cristãos, cortesões, exerce vasta influência para o bem.» (*O Lar Adventista*, p. 31.)

O factor decisivo

Um lar cristão não pode ser construído por simples planificação e determinação. O que tem de estar presente nele é a doce e suavizante influência do próprio Cristo. Foi para mim uma bênção ter recebido esta influência na minha infância. Nem uma única vez, durante o casamento de meus pais, de mais de meio século, me recorde de os ter ouvido levantar a voz em zanga. Mas lembro-me de sentir a influência do Espírito Santo quando, jovem adolescente, acordei cedo uma manhã e ouvi vozes vindas do escritório. Fui até à porta e ouvi o meu pai orando a Deus por mim.

Sim, um bom lar tem como base a experiência espiritual dos seus membros de família, porque apenas no poder de Cristo se encontra o poder para superar a tendência humana natural de nos servirmos a nós mesmos. Generosidade, paciência, uma vontade de colocar os interesses dos outros em primeiro lugar, amor capaz de sacrificar-se - tudo isto provém apenas de andar com Cristo. Mas quão essenciais são para estruturar a espécie de lar que os cristãos deviam de usufruir.

Que elementos entram na constituição de um lar verdadeiramente cristão?

Pensamos imediatamente nos traços de carácter cristãos, que, de facto, são básicos. Mas estes funcionam melhor dentro da estrutura descrita nas Escrituras. Os lares são designados para serem lugares onde maridos e esposas devem contribuir juntamente com mútuo amor e recursos para realizarem o que nenhum dos dois pode conseguir sozinho. Isto não pretende sugerir que uma vida de êxito não pode ser vivida fora do casamento, porque tanto nos tempos bíblicos como nos nossos dias temos muitos exemplos de

que tal é possível. Mas o ideal de Deus, nem sempre alcançado num mundo como o nosso, requer um lar em que pai e mãe cooperem para proporcionar aos filhos um lugar onde cresçam em amor, segurança e estabilidade, e em honra a Deus e uns aos outros.

Pais e mães têm ambos um trabalho especial a realizar. Conquanto as tarefas específicas variem de algum modo entre as culturas do mundo, o alvo é o mesmo em toda a parte. Na sua carta aos Efésios, capítulos 5 e 6, o apóstolo Paulo descreve, com alguns pormenores, os traços que definem um lar verdadeiramente cristão. Ele dá este importante princípio: «Andai em amor, como também Cristo nos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave» (Efés. 5:2). Os verdadeiros cristãos estão sujeitos uns aos outros no temor de Deus (v. 21).

Ao cooperarem juntos, de forma ordenada e dedicada, os membros da família fortalecem-se uns aos outros espiritualmente, fisicamente, emocionalmente e, não raro, economicamente. E o Pai Celestial coopera com tais famílias para edificar a Sua obra. À medida em que as famílias são fortalecidas, a igreja ganha poder. Austin Sorensen disse o seguinte: «Não é provável que uma criança encontre um pai em Deus a menos que encontre algo de Deus em seu pai.» (*These Times*, Junho de 1979.)

O quadro de um pai e uma mãe, de joelhos, falando ao seu Pai Celestial, comunica aos filhos uma poderosa imagem espiritual. Um outro poderoso instrumento de comunicação é dar à família a dádiva do tempo.

No mês de Abril partilhei com os leitores da *Revista Adventista* uma maneira prática que usei para realçar a importância da minha família. Eu dei à minha mulher um «Certificado de Oferta». Não era um vale para um carro novo, ou para uma viagem às Caraíbas ou às Ilhas Gregas. Tão-pouco era para um novo vestido de Sábado e nem sequer para livros novos na livraria adventista local. Este «vale» de oferta era ainda mais especial do que qualquer uma destas coisas.

UMA PRECE

No cimo da montanha, Senhor!
Ou junto às ondas do mar,
Escuta-me, ó Pai, quando eu orar!
Ouve, Bendito Deus, o meu louvor!

Eu sei que sou um pecador,
Mas ouve meu constante suplicar,
Porque a Ti, querido Pai, quero louvar,
Com fé, com esperança e muito amor.

E suplico-Te, ó Deus onipotente,
Que a Tua paz esteja aqui presente,
E nos inunde como a intensa luz...

E vendo, em pensamento, o Infinito,
Eu Te suplico, Pai Bendito:
Envia-nos Senhor, CRISTO JESUS!

João Francisco Gavinho Santos

Um dos bens que menos tenho é o tempo e este foi o meu presente a minha mulher. Prometi-lhe passar com ela um dia inteiro por mês, da maneira e actividade à sua escolha. Dar tempo ao nosso cônjuge e aos filhos é dar tempo a nós mesmos. É dizer: «Eu dou-te valor; tu és importante para mim.» Exaltamos as nossas famílias, dando-lhes uma parte do nosso tempo.

A oração *com e pelas* nossas famílias e a partilha do nosso tempo são duas formas práticas de fortalecer os nossos lares. Reconheçamos, acima de tudo, que em Cristo nós temos uma ligação com o Criador das famílias. Ele pode ser a nossa força quando somos fracos. Façamos o possível para que esta semana de devoção nos aproxime mais do nosso Pai Celestial e fortaleça os nossos lares. Consideremos também, nesta semana, como poderemos usar as nossas igrejas para melhorar os nossos lares.

Questões para debate:

1. O que é que as igrejas adventistas podem fazer para ajudar os pais não casados (solteiros, viúvos ou divorciados)?
2. Enumere as bênçãos que tem sentido no seio da sua família?
3. Apresente sugestões para que os nossos lares se tornem mais espirituais.



Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, E. U. A.

O DISCIPULADO DO CASAMENTO

É no lar que mostramos quem realmente somos

Karen e Ron Flowers

Jesus foi direito ao coração do que significa ser cristão, quando disse: «Nisto todos conhecereis que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (João 13:35).

Num contexto em que geralmente se considerava que piedade e santidade se mediam por actos de devoção pessoal para com Deus, Jesus exaltou o significado das relações humanas. Em certa ocasião, Ele destilou a essência da religião até chegar à questão do amor a Deus e ao próximo (Mat. 22:37-39). Sabendo que o amor pelas pessoas é impossível sem ter no coração amor a Deus, Paulo colocava grande ênfase nas relações humanas: «Servivos uns aos outros pelo amor», disse ele. «Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás ao teu próximo, como a ti mesmo» (Gál. 5:13, 14). O apóstolo João faz eco deste mesmo pensamento: «Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece o seu irmão, é mentiroso. Pois, quem não ama o seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?» (I João 4:20).

A Família também é o nosso Próximo

Não aplicamos muitas vezes estes textos à vida de casados. Para aqueles de nós que são casados, os nossos parceiros de casamento são o nosso pró-

ximo mais chegado. É nesta relação que mais intimamente vivemos o nosso discipulado. Na verdade, o casamento pode ser a experiência que mais revele sobre a nossa vida espiritual, porque dentro das paredes desta íntima relação nós inevitavelmente revelamos o que está dentro dos nossos corações. Podemos apresentar-nos exteriormente da melhor maneira, mas aos nossos cônjuges, mostramo-nos tal como somos, sem máscara nem enfeites. É no nosso casamento, nas nossas relações com os nossos filhos e com as nossas famílias que os mais íntimos detalhes do nosso discipulado, fiel ou infiel, são escritos. O casamento é um bom teste, um barómetro certo da actividade da graça de Deus nas nossas vidas.

O discipulado no casamento é uma importante maneira de respondermos à fidelidade de Deus para conosco. A Bíblia considera o casamento como um concerto, um compromisso que é como o concerto que Deus faz com o Seu povo. Casamento e concerto de Deus conosco são ambos descritos nas Escrituras para exemplificar e ensinar um acerca do outro. Somos chamados a imitar na nossa esfera de acção o que o Noivo faz pela Sua noiva: «Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei» (João 15:12).

«Ele era um marido e pai modelo na igreja», disse uma esposa, contando relutantemente a sua experiência,

«mas em casa, não era nada disso.» E continuou a sua história, falando do abuso e da violência emocional e física que ela e os filhos tinham sofrido em silêncio e suportado com pavor até ao dia que ela conseguira coragem para se separar e procurar abrigo e segurança.

Outros vivem em circunstâncias menos dramáticas, mas, apesar de tudo, passam pela dolorosa experiência de verem como professos cristãos falham em viver no lar a piedade que professam na igreja. «O casamento é, de algum modo, para muitos de nós, um reino à parte da religião», escreve a erudita professora universitária Elizabeth Achtemeier. «Há quem acredite que é perfeitamente possível ser cristão e ao mesmo tempo estar em guerra com o seu cônjuge.» Todavia, ela conclui: «O compromisso cristão e o compromisso conjugal são dois lados da nossa dedicação.» (*The Committed Marriage*, pp. 101, 104.)

Na nossa caminhada, juntos em casamento, nós ajudamo-nos mutuamente a obter uma visão de profundas verdades espirituais. Ajudamo-nos um ao outro a avançar «em direcção ao Céu», como diz Ellen White (*Mensagens aos Jovens*, p. 449). No livro *Home Fires* (Fogos do Lar), Charles Allen relata a história de um homem que disse à sua mulher que num determinado dia ia pedir um aumento de salário ao chefe do escritório. Quando conseguiu coragem para falar, o chefe deu-lhe, de facto, um aumento de salário ainda maior do que ele esperava. Ao chegar a casa, o homem reparou que a sala de jantar tinha os candelabros acesos e que a mesa estava posta com a melhor loiça. «Alguém lhe deve ter telefonado do escritório a dar as boas notícias», pensou ele.

Foi ter com a mulher à cozinha, levantou-a no ar, beijou-a e contou-lhe toda a história. Quando se sentaram à mesa, para desfrutar da deliciosa refeição que ela lhe preparara, ele encontrou ao lado do seu prato um bilhete escrito à mão. Dizia: «Parabéns, querido! Eu sabia que ias conseguir o aumento. Estas coisas dir-te-ão quanto te amo!»

Amor incondicional

Quando a esposa foi à cozinha buscar a sobremesa, ele reparou que lhe caiu do avental um outro cartão, e ficou surpreso. Apanhou-o, leu-o e guardou-o na algibeira. Na mesma letra bonita, ela tinha preparado uma segunda mensagem, «para o caso de». Dizia: «Não te preocupes por não ter conseguido o aumento. Tu merecias-lo, de qualquer maneira. Estas coisas dir-te-ão quanto te amo!»

Deus prometeu amar-nos incondicionalmente e ser sempre fiel ao Seu certo conosco. Deus sabe que o casamento, tal como qualquer um dos Seus magníficos dons à humanidade, tem sido pervertido pelo pecado. Todavia, «é desígnio do Evangelho restaurar a sua pureza e beleza». (*Pensamentos sobre o Sermão da Montanha*, p. 64.) Esta restauração é sempre um milagre da graça, e só é possível pela presença do Noivo Celestial. Diz Lloyd John Ogilvie acerca do seu casamento: «Mary Jane e eu estamos a crescer na compreensão de que somos companheiros de aventura em Cristo. Ele é cada vez mais o centro da nossa relação. Quanto mais O amamos mais do que podemos amar-nos um ao outro, mais podemos amar-nos e desfrutar da companhia um do outro.» (Citado em *Together Each Day*, p. 27.)

Para ajudar os cristãos a compreenderem a transformação radical que o Evangelho traz ao casamento e a todas as relações, Paulo escreve: «Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual, também, para o que é dos outros» (Fil. 2:3, 4). Discipulado no casamento significa tratar-se um ao outro com respeito, honra, dignidade e igualdade, não buscando o poder de um sobre o outro, mas «sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus» (Efés. 5:21).

Ellen White, tendo como contexto o seu próprio casamento, escreve o seguinte: «Em vossa união para toda a vida, vossas afeições devem ser tributáveis à felicidade mútua. Cada um deve servir à felicidade do outro. Esta é a vontade de Deus a vosso respeito. Mas, ao mesmo tempo que vos deveis unir em um só, nenhum de vós deve perder a sua individualidade na do outro. Deus é o dono da

vossa individualidade.» (*Mensagens aos Jovens*, p. 451.)

Aquilo que há de diferente e específico em nós, como indivíduos, a nossa unicidade, é frequentemente o que ao princípio nos atrai e mais tarde nos causa conflito e insatisfação. É humano criticar e procurar «dar a volta ao outro». Mas é cristão centrar-se «nas qualidades em vez de nos defeitos». (*A Ciência do Bom Viver*, p. 360); aprender a apreciar as características que cada um traz para o casamento e ajudarmo-nos mutuamente, tanto quanto possível, a concretizar os nossos potenciais espirituais; encontrar formas de cooperar juntos para realizar a obra especial de Deus, para a qual Ele capacitou especificamente o nosso casamento.

Amor em Palavras e Actos

Nós vivemos o nosso discipulado no casamento quando expressamos amor em palavras e actos. As relações íntimas florescem com o tempo, a afirmação, afeição e encorajamento. Oferecer estes dons de amor ao seu cônjuge equivale a amar como Ele nos amou.

Todos os casamentos têm os seus conflitos. Nós podemos gastar a nossa energia a atacar-nos e censurar-nos mutuamente ou a procurar ver onde está o problema e a trabalhar juntos para descobrir alternativas satisfatórias para ambos.

Nós praticamos discipulado quando aprendemos a dizer «Desculpa», quando nos prontificamos a fazer o esforço necessário para ultrapassar um conflito difícil e a considerar realmente o ponto de vista do outro. As circunstâncias podem às vezes ameaçar a nossa união, mas o amor activo busca sempre um caminho, uma passagem. Gordon e Gail MacDonald, no seu livro *Till the Heart Be Touched* (Até o Coração Ser Tocado), contam uma história moderna de entrega e dedicação.

Lisa Johnson voltou do hospital para casa com o que parecia ser uma gripe complicada. Extremamente fraca, foi-lhe entregue uma carta de David, seu marido, em que este lhe revelava que tinha um caso extra-conjugal com um amante homossexual e a sua recente descoberta de que era HIV positivo.

Esperando que ela reagisse histericamente e o pusesse fora de casa, David tinha já feito as suas malas. A resposta

dela deixou-o atordoado: «David, tu amas-me?» E como ele respondesse afirmativamente, ela continuou: «Então, vamos resolver isto.»

O perdão foi um processo lento e doloroso, durante o qual David rompeu com o seu ilícito amante e em que a graça de Deus fez a Sua obra, operando cura e reconciliação. Quando Lisa voltou a adoecer e se tornou evidente que o vírus HIV em breve lhe tiraria a vida, eles decidiram partilhar o segredo com os amigos. Alguns ficaram horrorizados e puseram termo à sua amizade. Outros aproximaram-se mais para tentar compreender aquela incrível dedicação.

Os MacDonalds comentam: «Nem todos seriam capazes de fazer o que Lisa fez, mas o que aconteceu ficará para sempre como um marco de onde é possível chegar quando alguém leva a sério a sua entrega e dedicação - muito mais a sério do que muita gente o faz nos nossos dias» (p. 52).

Praticar discipulado no casamento não é conseguir um determinado estado de perfeição, mas procurar pôr em prática os princípios do Reino. Estes princípios dirigem sempre a nossa visão para cima, na direcção dos ideais divinos que guiam o curso das nossas vidas e nos dão continuamente revigorantes medidas de graça para fortalecer a nossa frágil e tantas vezes insegura embarcação através das águas matrimoniais, que, algumas vezes são turbulentas, outras, tranquilas, mas sempre desafiantes.

Questões para debate:

1. Porque é que geralmente parece mais difícil ser cristão em casa do que no nosso lugar de trabalho?
2. O que é que os autores identificam como o principal ingrediente da harmonia conjugal?
3. Concorde com os sentimentos referidos no fim deste artigo? Não será pedir demasiado?



Ron e Karen Flowers são coordenadores do plano de acção de Lar e Família, com sede na Conferência Geral. Ron é também o director dos Ministérios da Igreja na Conferência Geral.

O QUE DEUS ESPERA DOS PAIS

Na Bíblia há muitas histórias acerca de pais

John e Millie Youngberg

Pai. A simples palavra evoca em nós inúmeras imagens, positivas para alguns, negativas para outros. No fundo do coração de cada filho está o desejo intenso (embora ele nem sequer o saiba) de ser aceite e reconhecido pelo Pai.

A boa notícia é que cada um de nós é aceite pelo nosso Pai Celestial: «Bendito o Deus e Pai» que «nos fez agradáveis a Si, no Amado» (Efés. 1:3, 6). Uma vez que nós, pais terrestres, somos aceites, *feitos agradáveis a Deus*, também nós podemos aceitar os nossos filhos, os nossos cônjuges, e os outros.

A Bíblia narra a história de muitos pais. Mencionaremos apenas cinco e as categorias que simbolizam.

1. Henoc – pais que estão aprendendo a amar mais profundamente. O relato breve diz-nos: «Henoc viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusala. E andou Henoc com Deus, depois que gerou a Metusala, trezentos anos, e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Henoc trezentos e sessenta e cinco anos. E andou Henoc com Deus; e não se viu mais; porquanto Deus para Si o tomou» (Gén. 5:21-24).

Depois de Henoc ter sido pai, quando sentiu o amor do seu filho para com ele e que o seu coração se sentiu atraído para o seu pequenino Metusala, ele aprendeu a amar mais profundamente.

Ele amara a Deus e aos outros antes, mas agora a paternidade ensinou-lhe uma espécie de relação que ele não poderia ter conhecido de nenhuma outra maneira. Ele começou a andar com Deus.

A paternidade é a mais importante universidade que um homem pode frequentar. As lições que aprendemos no *curriculum* da família ultrapassam de longe quaisquer outras lições que possamos aprender na escola da vida. É aqui que aprendemos a amar mais profundamente e, assim, a andar com Deus.

2. Abraão – pais que abençoam os seus filhos. *Abrão* significa «pai exaltado». *Abraão* significa «pai de muitas nações» ou «pai de uma grande multidão». Ele é o primeiro exemplo de pai piedoso nas Sagradas Escrituras. Onde quer que fosse, nas suas viagens, a sua atitude era sempre a mesma: «Edificou ali um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor» (Gén. 12:8).

Os pais de hoje podem aprender com o exemplo de Abraão a celebrar o culto de família, de manhã e à tarde, e a fazer disso uma prioridade. Mesmo Ismael, que nasceu sob infelizes circunstâncias e cuja mãe o influenciou a casar com mulheres pagãs, não esqueceu o exemplo de seu pai, porque «nos seus últimos dias arrependeu-se dos seus maus caminhos e voltou-se

para o Deus de seu pai». (*Patriarcas e Profetas*, p. 174.)

Hoje há muitos pais que têm famílias mistas ou situações de parentesco por segundo casamento. Mesmo que alguns pais não tenham a custódia dos filhos, ainda assim eles têm responsabilidade em relação a eles. Que poder o exemplo e as orações de um pai têm sobre a direcção do caminho que o filho toma! Deus pode trazer de volta a casa os que se afastaram, tal como fez por Ismael.

Abraão cometeu alguns erros. Os pais de hoje também não são perfeitos, mas, tal como Abraão, nós podemos arrepender-nos e conduzir as nossas vidas em direcção a um plano mais elevado. Talvez que a coisa mais encorajante acerca deste homem criado entre os pagãos de Ur seja que ele tinha fé nos planos de Deus e é uma bênção para os seus filhos e para todos os fiéis que viveram desde então até hoje. O próprio Deus disse: «Em ti serão benditas todas as famílias da terra» (Gén. 12:3).

Os pais têm muitas lembranças dos filhos. Recentemente aconteceu-me algo de maravilhoso com o meu filho, que para sempre recordarei. Millie animou-me a ir acampar com o John Júnior, que tem agora 35 anos, só nós os dois. Fomos para um parque estatal e passámos juntos um agradável fim-de-semana. No Sábado, fomos de canoa através de uma cadeia de lagos e fizemos o culto na margem de um bosque.

Depois disso sugeri que voltássemos ao acampamento para comer, mas o meu filho disse-me: «Papá, espera um pouco. Queria pedir-te uma coisa. Gostaria que tu me desses a tua bênção paterna.» Ali, no meio da canoa, eu coloquei as mãos sobre a sua cabeça e intercedi junto de Deus por ele, para que o Senhor o ajudasse na transição de carreira que ele ia enfrentar. Pedi a bênção de Deus sobre Lauri, a sua mulher, e sobre os seus dois filhos, e terminei com as palavras bíblicas:

«O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti, o Senhor sobre ti levante o Seu rosto, e te dê a paz» (Núm. 6:24-26).

3. Eli - pais que negligenciam os filhos. Eli, sumo sacerdote de Israel,

intercedia pela nação, mas de certo modo não perseverou na oração pelos seus filhos. Condescendente por disposição, não gostava de disciplinar os filhos. Negligenciou a sua educação e isso teve consequências desastrosas para a nação e para os seus próprios descendentes.

Hoje, o mundo e as igrejas estão cheios de pais superocupados. Millie e eu temos falado com milhares deles. Alguns lamentam este ou aquele ponto. Todavia, ainda nunca encontramos um pai que lamentasse ter passado demasiado tempo com os filhos.

4. David - pais que sofrem. Entre as mais tristes palavras da Bíblia está o lamento de David: «Meu filho, Absalão, meu filho, meu filho Absalão! quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!» (II Sam. 18:33). David, evidentemente, falhou no seu lar. A sua poligamia e adultério deram um mau exemplo aos filhos e a ceifa foi incesto, assassinio e rebelião.

Mas o arrependimento de David foi genuíno e profundo. Ele afligiu-se pelos seus filhos, chorou pelo que eles poderiam ter sido e Deus aceitou o seu arrependimento. Deus sente todas as nossas dores, especialmente a dor pelos nossos filhos. Por isso, a despeito de erros trágicos, que deixam cicatrizes nas nossas vidas e nas vidas de outros, Deus sofre connosco. Ele ajuda-nos a juntar os pedaços partidos e nós tornamo-nos «saradores de feridas».

5. O pai cujo filho tinha um espírito mudo e surdo - pais que trazem filhos «impossíveis» a Jesus. O capítulo 9 de Marcos apresenta três situações que ensinam importantes lições aos pais de hoje.

Em primeiro lugar vemos Jesus e o Pai em íntima comunhão no Monte da Transfiguração. A glória do Pai brilha no Filho e das nuvens vem uma voz, dizendo: «Este é o meu Filho amado» (v. 7).

Quando Cristo desce da montanha, os Seus discípulos perguntam-Lhe se o profeta Elias vai voltar. Ao responder-Lhes, Jesus refere-Se à grande mensagem paternal profetizada pelo profeta Malaquias: «Elias virá primeiro, e todas as coisas restaurará» (v. 12). Antes do primeiro e segundo advento de

Cristo, a mensagem mundial de Elias há-de voltar o coração dos pais para os seus filhos e o coração dos filhos para os seus pais» (Mal. 4:5, 6).

Ao chegar ao sopé da montanha, encontram-se com um pai que está em profunda angústia. O seu filho é surdo-mudo, possuído por um espírito mau que o convulsiona com o que parece ser um ataque de epilepsia. Ninguém foi capaz de ajudar este pai e, no seu desespero, ele traz o rapaz a Jesus. Duvida que algo possa ser feito por ele, mas clama a Jesus: «Se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos!» Mas Jesus desarma-o e responde: «Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê». Imediatamente o pai do jovem clama: «Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade!» (Marc. 9:22-24).

Momentos depois vemos pai e filho abraçando-se fortemente. Ambos foram curados - o pai da sua falta de fé, o filho da sua doença e possessão demoníaca. Uma relação morta foi restaurada e feita nova. Pai e filho prostraram-se diante de Jesus, por ter quebrantado as suas cadeias.

Devemos lembrar-nos de que a cura do filho dependia da fé e da oração do pai. Que Deus não permita que pequemos (I Sam. 12:23) por deixar de orar pelos nossos filhos.

O capítulo 9 de Marcos tem um grande significado para as nossas vidas hoje. Primeiro, vemos o ideal vivido em carne humana no Planeta Terra. Pai e Filho foram um só, perfeitamente unos. A oração deu-Lhes uma relação inquebrantável. O Pai pôde dizer: «Este é o meu Filho Amado».

Em segundo lugar, a mensagem dos últimos dias proclama que pais e filhos devem voltar-se na direcção ideal de Deus e buscar relações restauradas. Geralmente, pais e mães tomam a iniciativa e os filhos respondem. Isto prepara o caminho para a Segunda Vinda (Mal. 4:5, 6; Isa. 40:3) e restaura todas as coisas (Marc. 9:12), incluindo o lugar dos pais na vida dos filhos.

Em terceiro lugar, pais e mães devem trazer os seus casos «impossíveis» a Deus. Filhos de que muitos desistiram, filhos que estão sendo morada do inimigo, continuam ainda a ser preciosos aos olhos de Deus. Jesus está hoje tão pronto a responder à oração de um

pai como esteve há 2.000 anos atrás. Nós porfiamos em oração com a vantagem da vitória já ter sido ganha por Jesus na cruz. Com lágrimas e perseverante oração, nós trazemos diante de Deus as nossas relações de família desfeitas e os nossos filhos errantes, pleiteando pelos méritos do sangue de Jesus derramado.

Ao orarmos uns pelos outros, Deus mostra-nos as manchas dos nossos caracteres, que o inimigo usou para atacar as nossas famílias. A batalha é ganha de joelhos, reclamando com perseverante oração promessas bíblicas tais como: «Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará; porque eu contenderei com os que contendem contigo e os teus filhos eu remirei» (Isa. 49:25). Sim, os nossos filhos ainda têm o poder de escolher e Deus não os forçará a entrar no céu contra a sua vontade. Todavia, as nossas orações tem um grande poder de acção, capaz de levar os nossos filhos aos pés da cruz, mesmo após anos de afastamento. E ao intercedermos pelos nossos filhos, os nossos próprios traumas emocionais e vidas espirituais são também curados, e somos restaurados de novo.

Como pais e mães, levemos os nossos filhos a Jesus hoje. Não seremos desapontados. Nós podemos curar as nossas feridas emocionais e restaurar de novo as nossas famílias.

Questões para debate

1. Qual dos cinco pais de que fala esta leitura o impressiona mais? Porque?
2. Fale de promessas das Sagradas Escrituras que lhe dão esperança como pai.
3. Como convive e supera sentimentos de culpa em relação a filhos que deixaram de vir à igreja ou não seguem um estilo de vida adventista?



John e Millie Youngberg têm dirigido a secção internacional de Lar e Família da Universidade de Andrews nos últimos 20 anos. São também professores na Faculdade de Educação da mesma universidade. John no programa de educação religiosa e Millie como professor emérito de ensino e aprendizagem.

AUXÍLIO PARA AS MÃES NUM MUNDO MODERNO

Quando ambos os pais trabalham fora do lar

Kathleen e Jonathan Kuntaraf

Nosso mundo moderno exige às vezes que pais e mães trabalhem fora de casa. O chamado para trabalhar para o Senhor, a necessidade de reconhecimento e apreço, de segurança financeira ou identidade individual, ou outras razões, podem suscitar esta situação. Mas ela traz consigo alguns riscos.

Estas várias necessidades, associadas a um conjunto inflexível de regras de trabalho para ambos os pais que trabalham fora do lar, militam contra o criar os filhos de maneira saudável. Uma mãe cristã enfrenta sobretudo a luta de ter de educar os filhos e atender à rotina de responsabilidades domésticas. Essa será ainda maior se tiver um bebê ou filhos pequenos. Depois de uma noite sem dormir, deixar um bebê que chora a uma empregada, ou auxiliar, é sempre algo de doloroso e difícil.

As mães que trabalham são muitas vezes apanhadas na armadilha de empregos que as impossibilitam de abandonar o seu trabalho «urgente», enquanto os seus filhos sofrem falta de atenção. E todavia, Ellen White realça a importante função da mãe: «A primeira professora da criança é a mãe. Nas mãos desta acha-se em grande parte a sua educação, durante o período do seu maior desenvolvimento.» (*Educação*, p. 275.) O tempo da mãe, «em certo sentido pertence aos filhos». (*Fundamentos da Educação Cristã*, p. 139.)

Peritos em educação infantil apontam os riscos das mães trabalhadoras. Roger Dudley inclui «as mães trabalhadoras - quando ambos os pais estão fora do lar a maior parte do tempo» como um dos factores que tende a levar ao declínio dos valores religiosos entre os jovens cristãos (*Passing on the Torch*, p. 31). James Dobson escreve sobre a sociedade dos Estados Unidos: «*Creio que este abandono do lar é o nosso erro mais grave e mais perigoso como nação!*» (*What Wives Wish Their Husbands Knew About Women*, p. 55.)

O problema torna-se ainda maior quando as mães trabalhadoras são viciadas em trabalho. Tais viciadas em trabalho abusam de si mesmas e das suas famílias. A família de um viciado em trabalho sente-se tão mal-amada e tão negligenciada quanto a família de um alcoólico ou um adicto às drogas. O conhecido psicólogo infantil Urie Bronfenbrenner escreve: «Se há algum prognóstico seguro de perturbação, esse provavelmente começa com crianças vindas de uma casa vazia, quer se trate de dificuldades de leitura, vadiagem, fuga, adicção a drogas ou depressão infantil.» Citado em George R. Knight, *Myths in Adventism*, p. 87.)

Por outro lado, muitas pessoas famosas alcançaram êxito na vida como resultado do encorajamento recebido de suas mães. Tomai, por exemplo, a expe-

riência de Moisés. Ele passou os primeiros doze anos da sua vida com a mãe e devido a isso nunca esqueceu o Senhor, embora tenha estado 28 anos longe do lar. A despeito das filosofias egípcias, que lhe foram ensinadas quando viveu entre os adoradores de ídolos, e de todas as influências mundanas que o cercaram, ele permaneceu fiel aos ensinamentos da mãe.

«Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha do faraó, escolhendo, antes, ser maltratado, com o povo de Deus, do que, por um pouco de tempo, ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egípto» (Heb. 11:24, 25). «Toda a vida futura de Moisés, a grande missão que ele realizou como líder de Israel, testemunham da importância do trabalho da mãe cristã... Em grande medida a mãe tem nas suas mãos o destino dos seus filhos.» (*Patriarcas e Profetas*, p. 244.)

Desafios especiais para as mães de hoje

Podem as mães cristãs, que trabalham fora do lar a maior parte do tempo, realizar hoje a missão da igreja? Tem de haver uma fórmula que harmonize a luta de criar os filhos com o manter um emprego fora do lar. Temos de dar às mães que trabalham esperança de vencer este desafio.

Nós, Kathleen e Jonathan, viajamos muito no nosso trabalho para a Igreja e muitas vezes temos de enfrentar esta situação. Sugerimos:

1. As mães precisam de estar com os filhos durante a sua infância e idade pré-escolar. Quando eles atingirem a idade escolar, as mães podem ter empregos em part-time - indo trabalhar enquanto os filhos estão na escola e estando em casa quando os filhos voltam da escola. Ellen White adverte as mães: «O primeiro grande trabalho da vossa vida é ser missionária no vosso lar.» (*Testimonies*, vol. 4, p. 138.)

À medida que a sociedade avança da industrialização para a pós-industrialização, os avanços em tecnologias de computador estão possibilitando que uma grande gama de trabalhos das fábricas e escritórios possa ser feito em casa. Esta mudança permite flexibilidade e adaptações de trabalho associados a segurança financeira e, conseqüentemente, pode constituir uma solução mais satisfatória

para os problemas da família cristã.

2. Uma mãe, aconselha Ellen White, devia « ser cuidadosa quanto à maneira como deixa que outras mães moldem a mente infantil». (*Fundamentos da Educação Cristã*, pp. 156, 157.) A menos que consigamos arranjar alguém em quem confiemos completamente, não deveríamos deixar os nossos filhos a outras pessoas.

O conselho de Ellen White às mães trabalhadoras provinha da sua própria experiência. Por viajarem muito, James e Ellen White tiveram de fazer arranjos para o seu primeiro filho, Henrique, ficar com os Howland durante cinco anos (A. L. White, *Ellen G. White: The Early Years, 1827-1862*, p. 153). Também deixaram o segundo filho, Edson, na altura com 9 meses, aos cuidados de Clarissa Bonfoey (*Ibid.*, p. 177).

Quando os nossos filhos, Andrew e Andrea, eram pequenos, Kathleen trabalhava no Hospital Adventista de Bandung e Jonathan na Universidade Adventista da Indonésia. Nós aceitámos o chamado para trabalhar nestas duas instituições unicamente porque tínhamos ajudas domésticas e de estudantes em nossa casa e porque a mãe de Jonathan se prontificou a tomar conta dos miúdos durante os dias de semana. Nós confiámos os nossos filhos à sua completa supervisão e cuidado.

A fé ajuda as Mães a vencer as dificuldades

A fé é importante não apenas para a nossa salvação, mas igualmente na nossa vida diária. Como é que a fé pode ajudar as mães trabalhadoras a superar as pressões?

1. Avaliai as vossas motivações. «Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados» (II Cor. 13:5). Antes de deixarmos os nossos filhos, deveríamos perguntar-nos: «Precisamos realmente de trabalhar e arriscar o futuro dos nossos filhos? Isto vale o seu custo real?» Como cristãos, cremos que o dinheiro não é a nossa primeira prioridade, porque sabemos que Deus nunca nos abandonará.

2. Tende fé no cuidado de Deus. Após examinarmos e descobirmos que a nossa motivação para trabalhar fora do

lar não é de natureza egoística, a fé em Deus ajudar-nos-á a superar as nossas lutas. As mães são necessárias ao serviço da obra de Deus! Nós cremos que «a obra de Deus nesta terra nunca pode ser terminada até que os homens e mulheres que compõem a nossa igreja se apressem a fazer a obra e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja.» (*Obreiros Evangélicos*, p. 352). Assim, as mães trabalhadoras podem ter a certeza de que «O Senhor, pois, é Aquele que vai diante de ti: Ele será contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te espantes» (Deut. 31:8).

3. Fé que age. A fé não pode, contudo, ser presunçosa. Dizer meramente que se está a trabalhar para Deus e «crer» que o Senhor tomará cuidado de todas as coisas, não fazendo nada em favor dos nossos filhos, é presunção. Sim, precisamos de ter fé de que Deus tomará conta dos nossos filhos; todavia, Ele espera que nós também passemos tempo de qualidade com eles.

Quando nós os dois fomos chamados a trabalhar na Divisão do Extremo Oriente, Andrew e Andrea estavam nas primeiras classes da instrução primária. Embora o nosso trabalho exigisse que viajássemos muito, procurávamos combinar o mais possível os nossos itinerários, de maneira a que pelo menos um de nós ficasse em casa com os filhos. Uma vez ou outra deparámos com situações em que não pudemos evitar viajar ambos, ao mesmo tempo. Contudo, procurámos limitar tais situações ao mínimo.

Antes de partir em viagem, nós orávamos com os nossos filhos, abraçávamo-los e beijávamo-los ao despedirmo-nos deles, lembrando-lhes: «O Senhor é vosso único pastor. Deixai que o Seu espírito guie cada passo do vosso caminho.» Nós cremos que fé em Deus significa confiar no Seu cuidado e protecção.

Ellen White tinha muitas vezes um pesado programa a cumprir, mas mesmo assim pensava muito nos seus filhos e ansiava por estar com eles. Num dos seus sonhos, disse: «Eu posso fazer tão pouco bem; porque é que não podemos ficar em casa com os nossos filhos e desfrutar da sua companhia?» Um anjo alto, que estava à seu lado, disse: «Tu deste ao Senhor duas belas flores cuja fragrância é tão doce como o incenso diante d'Ele e mais preciosa à Sua vista do que ouro ou prata, porque é um dom do coração.

Arranca cada fibra do coração como nenhum outro sacrifício o pode fazer. Não deverias olhar para as aparências presentes, mas fixar os olhos só no teu dever, para glória de Deus, e avançar nas providências que Ele abrir e a tua vereda será iluminada diante de ti. Toda a abnegação, todo o sacrifício é fielmente registado e terá a sua recompensa.» (A. L. White, *Ibid.*, pp. 177, 178.) Esta experiência fortaleceu a Sra. White como mãe trabalhadora e pela fé ela continuou o seu trabalho, fielmente, até ao fim da sua vida.

Sois vós uma mãe trabalhadora que enfrenta lutas e dilemas hoje? Fé e confiança na providência de Deus ajudar-vos-ão a vencer as preocupações com os vossos filhos. Continue a orar por eles, certifique-se de que estão em boas mãos e passe tempo de qualidade com eles, dando-lhes atenção em todas as oportunidades.

A seguir, continue a ter fé em que Cristo tomará conta do resto. Lembre-se de uma das Suas maiores promessas: «Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia» (Sal. 46:1; a versão revista no Brasil diz «socorro bem presente nas tribulações»). Sim, o desejo de Deus de ajudar o Seu povo não é apenas no passado, mas está também ao alcance das mães no nosso mundo moderno.

Questões para debate

1. Como pode uma mãe em luta por equilibrar as exigências do lar e as do trabalho encontrar tempo para devoções pessoais?

2. Lembra-se de alguma mulher casada, na Bíblia, que também estivesse envolvida num ministério que a obrigasse a viagens, tal como o da sra. White? (Sugestão: Ver Lucas 8:1-3.)

3. Que sugestões pode dar a um homem ou mulher que seja um viciado em trabalho?



Katkleen H. Limijaya Kuntaraf, médica, é directora do Departamento de Saúde da Divisão do Extremo Oriente. O seu marido, Jonathan, com um doutoramento em Ministérios da Igreja, é o director deste Departamento na mesma Divisão. Têm dois filhos, Andrew e Andrea.

REUNINDO OS PEDAÇOS

O trauma da separação e divórcio

Ralph e Imogene Thompson

Como vai a família, assim vai a igreja. Como vai a família, assim vai a nação. Sabendo isto, Satanás dirigiu os seus mais severos ataques contra esta instituição. Hoje, nós vivemos num mundo em que os lares e as famílias se estão desintegrando.

Digamo-lo de imediato: A base para a família reside na nossa relação com Jesus Cristo. Ele é a Rocha sobre a qual repousam todas as famílias de êxito. Os nossos filhos o cantam:

«Se na família está Jesus, é feliz o lar,
É feliz o lar, é feliz o lar.

Se com o papá está Jesus, é feliz o lar,
É feliz o lar, é feliz o lar.

Se com a mamã está Jesus, é feliz o lar,
É feliz o lar, é feliz o lar!»

Ora, isto é mais do que a expressão de um sentimento posto em poesia. É um facto fundamental das Escrituras. Porque, tal como a Bíblia diz, «Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela» (Sal. 127:1). E a não ser que o Senhor edifique a casa, todas as nossas lutas pela felicidade serão vãs.

Fazer de Cristo a Cabeça e o Centro

Temos, pois, de fazer de Jesus a cabeça da família. Quando o pai e a mãe conhecem ambos a Jesus como Salvador e Senhor, e exemplificam o Seu estilo de vida diante dos filhos, então esse lar está a caminho da felicidade.

A devoção espiritual à volta da Palavra de Deus deveria ser um acontecimento regular. É o que dá o tom à união e felicidade da família, preparando-nos melhor para fazer face aos muitos choques e irritações que inevitavelmente surgem em todas as famílias.

O casamento pode ter sido talhado no céu, mas é na terra que o temos de viver. Isto exige que sejamos práticos. Envolve dar e receber por parte de ambos os cônjuges. Cada um deve estar preparado a ceder ou a encontrar uma situação de compromisso, desde que não envolva questões de princípios. No que diz respeito aos nossos filhos, devíamos estar prontos a ouvi-los em mútuo respeito.

Em algumas sociedades, é o marido que tem a última palavra. Ele dá as ordens e espera-se que a mulher e os filhos lhe obedeçam. Esse modelo de governo de família está, contudo, a desaparecer rapidamente, até mesmo nas sociedades de padrão patriarcal. Se a Bíblia manda os maridos amarem as suas mulheres como se amam a si mesmos, então é o amor que deve ser a base das relações da família e a regra áurea deve ser a sua norma. Os filhos devem obedecer aos pais «no Senhor» (Efés. 6:1). E não pode haver harmonia familiar quando os pais são rígidos, exigentes, desrespeitosos e abusivos para com os filhos.

Em todos os lares surgem por vezes incompreensões. Isto acontece por-

que cada membro da família é diferente dos outros. Os nossos filhos são todos diferentes e respondem-nos de modo diferente. Deus não espera que ninguém submerja a sua personalidade na de outra pessoa. Por isso, temos de aprender a compreender e respeitar os pontos de vista uns dos outros. Temos de aprender a discutir as nossas diferenças num espírito de concessão e aceitação.

Às vezes, no movimento e tumulto da vida, ao tentar fazer com que os extremos se toquem, dificilmente arranjamos tempo para falar demoradamente das coisas, para comunicar uns com os outros, como deveríamos. As famílias em que ambos os pais precisam de trabalhar, para manter os filhos na escola, necessitam de estar particularmente vigilantes, para que os seus nervos desgastados não façam surgir tensões destrutivas entre os seus membros. Precisamos de criar tempo para nos ouvirmos uns aos outros.

Perigo para a unidade da família

A unidade da família fica em perigo quando um dos membros decide fazer qualquer coisa sem se importar com o efeito que isso possa ter sobre os outros. Como membro da família, se o meu objectivo interferir com a unidade do lar, então eu devo estar preparado para rever esse meu objectivo, alterá-lo ou até abandoná-lo, se necessário. Não deveria ser permitido que relações estranhas se intrometessem na felicidade e tranquilidade do círculo familiar. É natural que cada membro da família tenha os seus próprios amigos e outras relações, mas estes nunca devem ser feitos à custa da família.

Falemos agora da questão do divórcio. Hoje somos confrontados com este fenómeno numa escala crescente, não apenas na sociedade em geral, também na igreja. Este triste resultado do fracasso humano tem-se feito sentir com terríveis consequências nos nossos lares e nas nossas igrejas.

Como é que um casal, que um dia proclamou apaixonadamente o seu mútuo amor, chegou a tal ponto de ruptura? Porque é que duas pessoas que se unem para o melhor e para o pior,

«até que a morte nos separe» chegam a detestar-se de tal maneira que têm de apelar a um tribunal que decreta o seu divórcio? A igreja pode falar de «parte culpada» e «parte inocente», mas os especialistas em vida familiar começam agora a questionar tais caracterizações simplistas. Como podemos nós saber, como toda a certeza, que num divórcio, uma das partes é absolutamente culpada e a outra, absolutamente inocente?

É certo que a infidelidade ao voto matrimonial - a maior causa de divórcio - tem sido condenada universalmente, tanto pela igreja como pela sociedade em geral. Mas hoje, além deste factor, as pessoas estão invocando outras razões para o divórcio - algumas imorais e outras triviais. Não é preciso haver infidelidade ao voto matrimonial, adultério ou outros actos imorais.

E segue-se um novo casamento, logo imediatamente, sem que a parte ou partes envolvidas reflitam adequadamente sobre o impacto dos seus actos nos filhos, nos outros familiares e na igreja.

Outra importante causa de divórcio é estar sob um «jugo desigual». Nós podemos viver sob um jugo desigual em sentido religioso, isto é, pertencer a confissões religiosas diferentes. As tensões resultantes de religiões em conflito podem causar choques, amarguras e terminar em separação e divórcio.

Mas pessoas da mesma comunidade religiosa também podem estar sob jugo desigual em sentido social, cultural e emocional. Cada um destes factores é passível de constituir pesado fardo num casamento.

Em muitos casos de divórcio existe o elemento egoísmo, por parte de um

ou de ambos os cônjuges. Falha-se em adaptar-se às idiossincrasias da outra pessoa. Há falta de empenhamento e consenso. O dinheiro é também uma causa importante no desmoronamento familiar. Às vezes, incompatibilidades físicas e sexuais podem gerar tensão, incompreensão e o divórcio.

Mas seja qual for o conflito ou problema que o vosso casamento esteja enfrentando, fazemos votos de que o divórcio só seja considerado como último recurso. *Seja qual for a provocação, a prioridade número um deveria ser a reconciliação.*

É evidente que há situações em que um dos cônjuges fica em perigo físico, ou em que a sua vida é seriamente ameaçada. Em tais circunstâncias, a separação torna-se legítima. Todavia, cremos que a injunção bíblica é tremendamente a favor de permanecerem juntos e de encontrarem uma forma de reconciliação através do Evangelho, através de aconselhamento profissional, através da oração. Temos de fazer todas as tentativas para salvar os nossos casamentos.

Antes de pensar em divórcio, pensemos nos nossos filhos e como eles serão afectados por esse processo. Pensei no que isso fará às suas vidas. Quantas crianças têm sofrido dano e traumatizantes cicatrizes para a vida inteira, por causa do divórcio dos pais!

Nenhum de nós é perfeito. Todos precisamos de aprender a perdoar-nos uns aos outros, a amar-nos uns aos outros, a despeito das faltas e diferenças. É aqui que o amor a Deus sofre o seu teste ácido. É aqui que o poder do Evangelho se torna manifesto.

«Para o melhor e para o pior, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe». Este voto não pode ser considerado levemente. O nosso

apelo é que os casais permaneçam juntos. Procurai, com a ajuda de Deus, resolver os problemas que aparecem. Procurai poupar aos vossos filhos o trauma de verem as duas pessoas que eles mais amam ir cada uma para o seu lado. O nosso apelo é que as famílias adventistas orem juntas, permaneçam juntas e tomem o necessário compromisso por amor da unidade da família.

Mas se, apesar de tudo isto, o divórcio ocorrer, então estejamos certos de que o nosso Deus é um Deus de amor e aceitação.

Terminamos com uma palavra de consolação para aqueles que já estão divorciados e estão a tentar sarar a ferida que surgiu nas suas vidas. Jesus pode curar essa ferida! E nós, como igreja, devemos ser pessoas que amam, perdoam e aceitam. Temos de fazer o possível para ajudar os que passam por este trauma. Temos de abrir-lhes os braços de amor e aceitá-los. Temos de assegurar-lhes que embora a vida os tenha feito sofrer este golpe tremendo, os misericordiosos braços de Deus estão abertos para recebê-los e envolvê-los em amor eterno - amor do qual jamais serão divorciados!

Que Deus faça dos nossos lares «um pequeno céu que vá connosco para o céu»!

Questões para debate

1. Como deveriam proceder as famílias quando os seus planos e aspirações entram em conflito? Como pode florescer a harmonia em tal ambiente?
2. Quais são alguns dos passos que os casais devem dar para suprimir as causas do divórcio?
3. Como deve a igreja relacionar-se com aqueles que estão passando pelo trauma do divórcio?

**No Sábado, dia 26 de Novembro,
será levantada a Oferta da Semana de Oração
e Sacrifício, também chamada Dom de Fim do Ano.**



G. Ralph Thompson é secretário executivo da Conferência Geral, em Silver Springs; Imogene é enfermeira no Hospital Adventista de Takoma Park, Maryland.

SOLTEIROS* NA FAMÍLIA DE DEUS

Que significa, realmente, ser irmãos e irmãs em Cristo?

Audrey Johnson

Era o Sábado antes do Dia da Mãe, um dos acontecimentos mais apreciados pelas famílias e igrejas em toda a América. Havia raminhos de flores ao peito das senhoras, orquídeas que mostravam ter sido compradas em floristas, outros, mais modestos, tinham a sua origem no supermercado local, mas todos eram usados orgulhosamente. A grande igreja do Colégio estava completamente cheia. O pastor decidiu pregar sobre a importância das relações do casamento.

«É importante que as esposas procurem manter-se bonitas, tal como quando esperavam o seu príncipe encantado», aconselhou o pastor. Ele era um cavalheiro simpático e bondoso e provavelmente ter-se-ia sentido triste se soubesse como as suas palavras fizeram sofrer Ana.** Ela era jovem e, pelos padrões gerais, bonita. Mas ela ali estava sozinha... em vésperas de se divorciar. O seu marido também era simpático, bem parecido, talentoso, mas - agora já se sabia - não era heterossexual. Por isso Ana estava ali sozinha e só pensava em descobrir uma maneira de sair airoso da igreja.

Quem mais se encontrava naquela grande congregação? Muitos estudantes do colégio solteiros. Algumas mulheres e homens cuja longa e absorvente carreira didáctica os tinha até então impedi-

do de casar. Havia algumas senhoras de cabelo branco, todas sentadas em grupo. Mas muitas outras estavam sozinhas, aqui e ali. Havia mães solteiras e até alguns pais solteiros sentados junto dos filhos.

Sim, havia muitas famílias «normais» juntas, com os filhos ao colo, alguns já adormecidos, para alívio dos cansados pais. Também havia na assistência casais de meia-idade, com filhos adultos e até com netos.

Solteiros de fora

À medida que o meio-dia se aproximava, as crianças começaram a ficar desassossegadas. Mas o pastor conseguiu atrair a sua atenção quando pediu a todos os casais que se levantassem e renovassem os seus votos de matrimónio. Era um grupo interessante, mas já não tão numeroso como se teria imaginado. Alguns pareciam encantados, outros relutantes e, outros ainda, envergonhados.

As senhoras de cabelo branco baixaram os olhos. Os homens de cabelos grisalhos, que se sentavam sozinhos, olharam directamente para a frente. Os divorciados, os pais solteiros, os que ainda esperavam casar, os que tinham decidido não casar e os que estavam ali sozinhos, porque o seu cônjuge nunca aceitara o Adventismo ou abandonara-o, passavam por todos os estados e posições de desconforto. Todos eram testemunhas de um ritual que não lhes dizia respeito. Ana voou da igreja assim que os casados se levantaram.

Esta história é verdadeira. Em qualquer Sábado de manhã, há geralmente uma grande variedade de famílias sentadas nos bancos da maioria das igrejas adventistas.

Famílias? Os solteiros também são famílias? Como é que a minha igreja se relaciona com uma senhora de 35 anos que nunca casou, ou com a estudante solteira que frequenta a universidade próxima? Já nos terá acontecido dizer: «O que é que uma moça simpática como você faz solteira?» Ou: «Qual é o problema dele, que ainda não casou?» Quantas das nossas igrejas proporcionam aos jovens adultos uma oportunidade para se encontrarem e desfrutarem do companheirismo de uns com os outros e com os próprios membros da congregação, que demonstram amizade e aceitação?

Disse-se da primitiva igreja cristã, por altura do Pentecostes: «Todos participaram fielmente no ensino dos apóstolos, na união fraterna... Reuniam-se diariamente no templo. Partiam o pão ora numa casa ora noutra e comiam juntos com alegria e simplicidade. Davam louvores a Deus e eram bem vistos por todo o povo.»¹

Que exemplo para a igreja seguir! Não admira que o versículo termine assim: «E cada dia que passava, o Senhor aumentava o número dos que tinham recebido a salvação.» *Companheirismo* é a chave para o crescimento da igreja!

A Missão da Igreja

Ray Anderson e Dennis Guernsey, teólogos que reflectiram seriamente sobre a teologia da família, escreveram: «Pode a igreja promover casamentos estáveis e vida familiar saudável na sociedade sem abandonar os não casados e sem os relegar para o estatuto de cidadãos de segunda classe? Não só pode, mas deve. A verdadeira *kiononia* de Cristo não é apenas intergeracional, mas também intramural. Não apenas todas as partes do corpo devem funcionar, mas devem funcionar em conjunto.»²

Se todos os membros, jovens e idosos, machos e fêmeas, casados e não casados, se regozijarem e sofrerem juntos, isso não prejudicará os nossos lares e famílias! Pelo contrário: libertar-nos-á de termos de carregar o fardo de definir o nosso esforço pessoal.

* O termo tem o sentido de «não casados».

** Pseudónimo.

Todavia a igreja nem sempre tem sido amigável, nem sempre tem dado um sentimento de família àqueles que vivem sós ou vivem somente com os filhos. Nos Estados Unidos os prognósticos do censo populacional dizem que mais de 50% dos adultos passarão uma significativa parte da sua vida solteiros, divorciados ou viúvos.³

Para além do primeiro nascimento

Se o ensino de Jesus acerca do novo nascimento tem algum significado, ele quer dizer que o primeiro nascimento não é suficiente. Quer dizer que há um segundo nascimento, baseado na relação com Deus, e que isso existe para além da relação que se tem com qualquer família terrestre. Por outras palavras: Jesus vê a igreja como uma família.

Uma família, em sentido amplo, não exclui um irmão solteiro, uma tia solteira, uma filha ou filho divorciado, por causa do seu estatuto conjugal. Tão-pouco pode a família de uma igreja relegar os não casados para um estatuto de segunda classe.

Que dizer dos divorciados? Também são família? E os viúvos também são família? Alguns responderão «não» aos divorciados e «sim» aos viúvos, porque, no fim de contas, os viúvos não têm culpa de estar na sua actual situação. Mas quanto aos divorciados, como é que respondemos? Algumas pessoas bem intencionadas mas mal informadas apenas sabem censurar, desconfiar, reprová-las e dizer mal.

Uma mãe solteira demonstrou grande coragem ao assistir com o filho à festa de fim de ano, para pais e filhos, numa escola adventista. Quando as outras pessoas da sua mesa descobriram que ela era divorciada, excluíram-na, a ela e ao filho, da conversação. Eu não penso que fosse isto o que Jesus tinha em mente quando nos chamou para sermos irmãos e irmãs n'Ele.

No corpo de Cristo nós somos irmão e irmã *antes* de sermos marido e mulher. Como filhos e filhas de Cristo, somos irmão e irmã para o nosso pai e mãe *antes* de sermos seus filhos e filhas. Esta é a prioridade. Nós permanecemos irmãos e irmãs através de todas as mudanças e perdas da vida. As Escrituras ensinam-nos que somos *herdeiros conjuntamente* com Jesus Cristo.

«Irmão» e «irmã» não são simples termos da linguagem da igreja. A igreja é uma família de famílias. A dinâmica dessa família é a nossa relação com Jesus Cristo, que nos chama a sermos irmãos e irmãs uns dos outros.

A igreja não é um clube ou uma organização profissional, em que as pessoas se associam por interesses comuns específicos. Por exemplo, quando alguém se torna membro de uma organização que agrupa os médicos, essa pessoa fá-lo para poder praticar a medicina. Os demais profissionais inscritos nessa organização não são seus irmãos e irmãs no sentido em que os cristãos o são na igreja.

O que conta é a pessoa

Uma coisa é reconhecer conceitos e outra é pô-los em prática. A grande maioria das congregações centram-se no casamento e a pessoa não casada não se encaixa no sistema.

Nós, cristãos, temos de centrar-nos mais no parentesco. Parentesco - eis a noção da igreja como família, como companheirismo que dá ênfase à *pessoa* - não ao casamento ou ao estado civil.

Assim como uma boa família inclui a todos na distribuição dos deveres domésticos, uma boa igreja inclui todas as pessoas, de acordo com os seus dons, no trabalho da igreja. As pessoas não casadas são tanto discípulos como os seus irmãos e irmãs casados. Podem ministrar às crianças e trabalhar na Escola Sabatina e cantar no coro e pertencer ao conselho da igreja.

E assim como numa boa família, alguém pode sentir uma necessidade especial e pedir aos outros membros da família que ajudem a preencher essa necessidade, também uma boa igreja se tornará família para a pessoa em necessidade. Lembro-me de uma mãe solteira cuja casa havia muito que sofria aquela espécie de abandono que provém de haver pouco dinheiro e muito trabalho. Ela estava quase esgotada quando um dia a sua classe da Escola Sabatina lhe bateu à porta e veio ajudá-la. Eles cortaram a relva, arrancaram as ervas, remendaram a cerca e arranjaram a porta da entrada. Eles pintaram e fizeram obras na casa, tudo num só dia - mas foi um dia divertido, passado a fazer esse trabalho. Eles agiram como família de Deus, realizando uma actividade mundana, mas necessária e importante.

Ministrar à família da igreja significa que oferecemos conforto e amizade aos viúvos e viúvas muito depois de os termos confortado por altura do funeral. «Bom, vejo que está a reagir bem», dizemos nós, só porque o/a vimos vir à igreja bem vestido, como habitualmente. Mas a seguir, essa desconsolada pessoa volta para casa e passa o resto do

Sábado sozinho.

O Sábado, especialmente sexta-feira à noite, é muitas vezes o mais difícil momento da semana para aqueles que estão sós, especialmente para os que acabam de passar pela experiência do divórcio ou da morte do cônjuge. O conforto e a presença de Deus são sempre uma ajuda constante, mas a família de Deus existe para partilhar este trabalho divino!

Devemos reconhecer também os casados «solteiros». São aqueles que têm um marido ou uma mulher que abandonou ou nunca abraçou o Adventismo ou a fé cristã. É uma outra espécie de solidão que desafia a família de Deus a ser abrangente e a mostrar-lhes interesse e consideração.

Há muitos anos atrás, H. M. S. Richards (pai) [pastor pioneiro no trabalho da rádio e que faleceu com perto de 100 anos] disse a um grupo de esposas de pastores: «Libertai-me das comunidades de reformados... ou de qualquer outro lugar que separe as pessoas. Nós precisamos dos jovens», disse ele, «e precisamos dos velhos e dos casados e dos não casados e dos divorciados e dos doentes, e de todos. Precisamos uns dos outros. Precisamos todos de Jesus, e Jesus precisa de nós todos.» Realmente.

Questões para debate

1. Qual é a percentagem de membros da sua congregação que, segundo a definição deste artigo, estão solteiros [não casados]? Que actividades estão em curso na igreja para os apoiar? Que ministérios ou actividades são ainda necessários?

2. Descreva um homem ou uma mulher não casados que tenham tido um profundo impacto na sua vida.

1. Actos 2:42-47, Versão Português Corrente.

2. Ray S. Anderson e Dennis B. Guernsey, *On Being Family* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Pub. Co., 1986), p. 149.

3. Dennis B. Guernsey, *A New Design for Family Ministry* (Elgin, Ill.: David C. Cook Pub. Co., 1982), p. 57.



Audrey Johnson é directora dos Ministérios da família na Associação dos A.S.D. do Sudeste da Califórnia.

OBJECTIVOS DA PATERNIDADE

Como cercar os nossos filhos de influências positivas.

Emílio e Ada Garcia-Marenko

Adolfo e Carmen acabam de ser pais pela primeira vez. Sentem-se esmagados pelos múltiplos e contraditórios conselhos que recebem dos parentes e amigos. Eduardo e Rosa gostariam que os seus dois filhos (Eduardo de 4 anos e Dália de 2) se tornassem menos dependentes deles. Eugénio e Loide, cujos filhos têm 17, 14 e 12 anos, aconselham-nos a desfrutar dos seus filhos antes que comecem o clamor por independência.

O que estes casais têm em comum é a delicada missão de criar um ambiente familiar que favoreça o crescimento dos filhos, de forma a tornarem-se homens e mulheres que amem a Deus, tenham uma relação pessoal e salvadora com Jesus, e sejam dignos, nobres e honestos.

Como pais e mães, confrontamo-nos hoje com enormes desafios. O futuro da igreja, da sociedade e das nações em futuras gerações depende, em larga medida, do que fazemos durante os poucos anos que temos os filhos connosco. Por isso, é de extraordinária importância compreendermos perfeitamente que Deus espera de nós que exerçamos no lar a melhor influência possível, para assistir os nossos filhos nos seus esforços para atingirem o ideal celestial. É importante possuir uma visão clara dos objectivos da missão que Deus nos confiou.

Eles são, pelo menos, quatro.

O primeiro é representar adequadamente o carácter de Deus. Deus escolheu a função do pai para exemplificar

o que Ele é para nós. Entre as mais doces declarações sobre os laços que nos unem a Ele, estão as que se referem à relação de pai e filho. Usando um dos termos mais familiares que empregamos quando nos dirigimos ao nosso pai terrestre, assim nos dirigimos a Deus. É este o significado de «Aba. Pai», que encontramos em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6. É significativo que Jesus o tenha usado no momento da Sua suprema crise, quando exclamou: «Aba, Pai, todas as coisas Te são possíveis; afasta de mim este cálix; não seja, porém, o que eu quero, mas o que Tu queres» (Marcos 14:36).

Ellen G. White declara que «os pais estão em lugar de Deus para os filhos» (*Orientação da Criança*, p. 480). Eles são «representantes de Deus». (*Educação*, p. 287.) Esta é uma verdade universal. Os estudos mostram que o nosso conceito de Deus tem muito em comum com aquele que formamos dos nossos pais (ou figura parental) durante a infância.

Reconhecendo este facto, diz Ellen White: «Pai, mães e professores necessitam avaliar mais a responsabilidade e honra que Deus pôs sobre eles, ao fazer deles Seus representantes perante as crianças. O carácter revelado no contacto da vida diária interpretará para a criança, para o bem ou para o mal, estas palavras de Deus:

«Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece daqueles que O temem» (Sal. 103:13). «Como alguém a quem consola sua mãe,

assim Eu vos consolarei» (Isa. 66:13).» (*Educação*, p. 244.)

Uma representação incorrecta de Deus poderia ter consequências fatais para o desenvolvimento dos nossos filhos. Poderia constituir-se o início de relações familiares disfuncionais, com todos os problemas que geralmente acarretam à criança. Poderia despoletar atitudes de medo, rejeição ou rebelião em relação a Deus e contra qualquer outra figura de autoridade. É pois vital que comuniquemos aos nossos filhos uma imagem de Deus correcta.

Jorge, um jovem de 24 anos, disse a um professor, que procurava apresentar-lhe Deus como um pai: «Não me diga que Deus me ama e que Ele é como o meu pai. Se Ele é como o meu pai, não me ama.» A seguir, gritou com desespero: «Se Deus é como o meu pai, não quero nada com Ele!»

O segundo objectivo da tarefa que nos foi confiada é transferir valores cristãos para os nossos filhos. Eles são continuamente bombardeados, de todas as direcções, por um dilúvio de influências que procuram implantar neles valores que estão em oposição com os ensinamentos cristãos. Os pais cristãos devem estar atentos e activos quanto à influência dos amigos dos seus filhos - e também quanto à influência dos livros, televisão, jogos, brinquedos, programas de computador e coisas semelhantes. Devem saber o que acontece na escola. Devem conhecer os adultos com quem os filhos estão em contacto. Tudo o que tiver a possibilidade de influenciar as avenidas tenras e plásticas das suas mentes.

É vital que os pais desenvolvam relações de família positivas; que as suas próprias vidas exemplifiquem os valores que desejam inculcar-lhes; que encorajem o convívio com outras famílias que tenham os mesmos princípios e valores religiosos; que proporcionem aos seus filhos oportunidades para se envolverem em trabalho produtivo e serviço abnegado em favor do próximo.

Mas a mais importante forma de comunicar os valores cristãos é fazer da nossa relação com Jesus a primeira prioridade da nossa vida - em palavras e actos.

O nosso terceiro grande objectivo é ajudar os nossos filhos a desenvolverem

rem caracteres semelhantes ao de Cristo. Diz a serva do Senhor: «Tornai o trabalho de toda a vida formar o carácter dos vossos filhos segundo o Modelo Divino.» (*Orientação da Criança*, p. 476.)

Para alcançar este objectivo, temos de compreender o ideal divino. A Bíblia está cheia de instruções e ilustrações sobre o desenvolvimento do carácter. Deuterónimo 6, por exemplo, fala de testemunhos da Providência de Deus e de instrumentos de ensino para a gerações futuras. As Bem-aventuranças são outro exemplo. Aqui o Senhor descreve o perfil do ideal divino para um carácter simétrico (Mat. 5:3-12). Paulo, escrevendo aos Gálatas (5:22, 23), ensina que o fruto do Espírito é um carácter cheio de «amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, modéstia, domínio de si mesmo» [tradução interconfessional]. Em Filipenses 4:8, o apóstolo fala da importância de guardar até os nossos pensamentos, se quisermos desenvolver um carácter virtuoso: «Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama,... nisso pensai.»

Quando os nossos filhos eram ainda pequenos, encontramos um exemplar de um extraordinário livro, intitulado *The Ladder of Life* [A Escada da Vida], editado pelo Departamento de Educação da Conferência Geral. Este livro proporcionou-nos excelente material para assistirmos no desenvolvimento do carácter dos nossos filhos. O texto, apropriado para crianças em idade pré-escolar, baseava-se na «escada» de Pedro, isto é, a sua lista de qualidades (fé, virtude, ciência, temperança, paciência, piedade, amor fraternal, amor) para alcançar o pleno desenvolvimento do carácter cristão (II Ped. 1:5-7).

Os escritos da mensageira do Senhor contêm também instruções de Deus para os pais, sobre este assunto. Todos os lares adventistas deveriam ter os livros *Orientação da Criança*, *Educação*, *Conselhos aos Pais*, *Professores e Estudantes*, para poderem obter uma compreensão mais ampla dos planos de Deus para os seus filhos.

Acima de tudo, deveríamos despende tempo e energia a estudar as passagens da Bíblia e do Espírito de Profecia

que tratam da infância, adolescência e juventude de Cristo. O livro *O Desejado de Todas as Nações*, capítulos 7-9, deviam constituir leitura obrigatória para os pais e mães cristãos genuinamente interessados em ajudar os filhos a desenvolverem um carácter semelhante ao de Cristo.

O quarto objectivo da paternidade é preparar os nossos filhos para se governarem sozinhos. «O objectivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma.» (*Educação*, p. 287.) As crianças nascem sem capacidade para decidir, julgar e agir por si mesmas. Para aprenderem a governar-se sozinhas, têm necessidade de instrução, motivação, orientação, correcção e uma atmosfera de amor e aceitação.

A seguir, gritou com

desespero:

— Se Deus é como o

meu pai, não quero nada

com Ele!

H. Stephen Glenn sugere no seu livro, *How to Raise Self-Reliant Children in a Self-indulgent World*, que ensinar aos filhos o autodomínio envolve sete elementos fundamentais, entre os quais: a percepção da criança de que ele ou ela está crescendo em capacidade pessoal; um senso de valor pessoal; a convicção que é capaz de modificar o meio [contexto que o rodeia] sempre que for necessário; a capacidade de conhecer-se melhor e controlar o seu mundo interior; e a capacidade de se relacionar eficazmente com os outros.

Acima de tudo o mais, uma criança precisa de aprender a confiar em Deus e a buscar a Sua vontade. É, porém, importante ajudar as crianças a formarem um estilo de devoção pessoal e uma re-

lação íntima com Deus.

A tarefa de rodear os nossos filhos de influências positivas, para concretizar os objectivos da paternidade, não é fácil. Requer empenhamento, entrega total, perseverança e crescente compreensão do amor de Deus. Envolve de modo particular uma genuína relação com o nosso Pai Celestial, lembrando-nos que Ele está mais interessado na salvação dos nossos filhos do que nós alguma vez o poderemos estar.

«Depois de terdes cumprido fielmente o vosso dever para com os vossos filhos», diz a serva do Senhor, «então levai-os a Deus e pedi-Lhe que vos ajude. Dizei-Lhe que tendes feito a vossa parte e então pedi com fé que Deus faça a Sua, aquilo que vós não podeis fazer. ... Ele vos ouvirá orar. Terá prazer em responder às vossas orações.» (*Orientação da Criança*, p. 256.)

Coloquemos os nossos filhos diante de Deus e creiamos completamente nas Suas amáveis promessas. Em devido tempo receberemos de Deus a recompensa da vida eterna - para nós e para eles.

Questões para debate

1. Examine os quatro grandes objectivos da paternidade, mencionados pelos autores. Qual deles considera mais importante? Porquê?

2. Porque é que os pais se devem preocupar com as influências que rodeiam os filhos? Deverá esta preocupação estender-se também, algumas vezes, às pessoas da igreja? Porquê?

3. O que é que considera que é a maior alegria da paternidade? O que é que admirava mais nos seus pais?



Emílio Garcia-Marenko é vice-presidente académico da Universidade de Montemorelos, no México. Ada Garcia-Marenko dirige a secção de aconselhamento e orientação da mesma Universidade. Ambos são

professores de cadeiras ligadas à licenciatura em Vida Familiar, em Montemorelos.

ESTANDO AO LADO DOS NOSSOS FILHOS PARA OS AJUDAR

*Para moldar neles o carácter de Jesus e prepará-los
para a vida presente e futura.*

Ellen G. White

Recentemente, o Senhor impressionou-me a lembrar de novo aos pais adventistas do sétimo dia o importante trabalho que deve ser feito no lar.

A todos os pais que professam crer na breve volta de Cristo é confiado um solene trabalho de preparação para que eles e os filhos possam estar prontos para se encontrarem com o Senhor na Sua vinda. Deus deseja ver os pais tomarem posição por Ele, de todo o coração, para que não seja desvirtuada a obra que lhes deu a fazer e para que as nossas crianças e jovens possam compreender claramente qual é a vontade de Deus para eles. Devem aprender a resistir ao mal e a escolher a justiça, para se apartarem do pecado e se tornarem fiéis servos de Deus, dispostos a dar-Lhe o mais elevado serviço das suas vidas.

Nada mais eficaz

Poucos pais compreendem quão importante é dar aos filhos uma influência de um exemplo de piedade. Contudo, isso tem mais poder do que regras e preceitos. Nenhum outro meio é tão eficaz para educá-los nos caminhos rectos. As crianças e jovens precisam de ter um ver-

dadeiro exemplo do que é justo, para conseguirem vencer o pecado e aperfeiçoar um carácter cristão. Este modelo, eles o deveriam encontrar nas vidas dos seus pais. Para que entrem na Cidade de Deus e se regozigem na recompensa dos vencedores, alguém tem de mostrar-lhes o caminho. Vivendo vidas piedosas diante dos filhos, os pais podem tornar simples e claro o trabalho diante deles.

É desejo de Deus que os pais sejam para seus filhos a personificação dos princípios estabelecidos na Sua Palavra. Que façam deles o seu alvo, ao educarem os filhos para Deus. Manter na vereda estreita os pés dos filhos requererá esforço fiel e constante oração, mas é possível ensinar as crianças e jovens a amarem e servirem a Deus.

É possível inculcar-lhes os princípios da justiça, regra sobre regra, mandamento sobre mandamento, até os desejos e inclinações do coração estarem de harmonia com a mente e a vontade de Deus. Quando pais e mães compreenderem a responsabilidade que sobre eles pesa, e responderem aos apelos do Espírito de Deus em favor desta negligenciada obra, ver-se-ão nos lares do povo transformações que farão com que os anjos se regozigem.

Estudem os pais o primeiro capítulo da Segunda Epístola de Pedro. Aqui é apresentada e exaltada a excelência da verdade da Bíblia. Pedro ensina que a experiência do cristão deve ser de firme e constante crescimento na obtenção das graças e virtudes que fortalecem o carácter e o habilitam para a vida eterna.

«Graça e paz vos sejam multiplicadas», escreve o apóstolo, «pelo conhecimento de Deus, e de Jesus, nosso Senhor! Visto como o Seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento d'Aquele que nos chamou para Sua glória e virtude; pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que, por elas, fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que, pela concupiscência, há no mundo, vós, também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência, e à ciência, temperança, e à temperança, paciência, e à paciência, piedade, e à piedade, amor fraternal, e ao amor fraternal, amor.

«Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque fazendo isto, nunca jamais tropeçareis; porque assim vos será amplamente concedida entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.»

Crescendo juntos

É privilégio de pais e filhos crescerem juntos na graça de Cristo. Aqueles que conformam as suas vidas com as condições expostas na Palavra hão-de encontrar completa provisão para as suas necessidades espirituais e poder para vencer. Sentindo a necessidade daquela graça que o Céu concede a todos os que a buscam, eles hão-de tornar-se participantes do dom celestial.

Os que aceitam a verdade bíblica devem guardá-la cuidadosamente. Devem perseverar em conhecer ao Senhor, guardando nas suas almas a luz do céu. Mas

não devem parar por aí. Devem comunicar a luz e conhecimento recebidos. O Senhor espera que os pais façam esforços conjuntos e fervorosos para criar os seus filhos para Ele. No lar, eles devem cultivar as graças do Espírito, reconhecendo em todos os seus caminhos Aquele que através da santificação do Espírito prometeu fazer-nos perfeitos para toda a boa obra. Quando os pais despertarem para uma verdadeira compreensão dos seus negligenciados deveres, não-de ficar admirados com a cegueira espiritual que tem caracterizado a sua passada experiência. E quando se tornarem discípulos que aprendem de Cristo, ser-lhes-á ensinado a fazer o seu trabalho de modo aceitável.

Uma provação diante de nós

Tem-se feito muito pouco trabalho específico para preparar os nossos filhos para as provações que todos eles vão ter que enfrentar no seu contacto com o mundo e suas influências. Eles não têm sido ajudados, como deviam, a formar caracteres suficientemente fortes para resistirem às tentações e permanecerem firmes nos princípios da justiça nas terríveis provações que terão de enfrentar todos os que ficarem fiéis aos mandamentos de Deus e ao testemunho de Jesus Cristo.

Os pais precisam de compreender as tentações que os jovens enfrentam diariamente, para que lhes possam ensinar como vencê-las. Há influências na escola e no mundo contra as quais os pais precisam de precaver-se. Deus quer que desviemos os olhos das vaidades, prazeres e ambições do mundo e os coloquemos na recompensa gloriosa e imortal reservada a todos aqueles que correrem com paciência a carreira que o Evangelho lhes apresenta. Deseja que eduquemos os nossos filhos de modo a evitarmos as influências que os afastariam de Cristo. O Senhor vai voltar em breve e temos de preparar-nos para este solene acontecimento. Meus irmãos e irmãs: que a vossa vida no lar revele os vivos princípios da Palavra de Deus. Os instrumentos de Deus cooperarão convosco ao procurardes alcançar a norma de perfeição, ao ensinardes os vossos filhos a harmonizar as suas vidas com os princípios da rectidão. Cristo e as agências celestiais estão esperando para avivar as vossas sensibilidades espirituais, para renovar as vossas actividades e para vos ensinarem as coisas profundas de Deus.

Os pais devem ser unidos na sua fé, para poderem ser unidos nos seus esforços em guiar e educar os filhos na fé e verdade. Em certo sentido, recai sobre a mãe a tarefa de moldar as mentes infantis dos filhos. Mas o pai deveria sentir mais profundamente do que geralmente sente as suas responsabilidades no lar. Sobre ele, tal como sobre a mãe, recai o dever de trabalhar pelo bem-estar espiritual dos filhos. Frequentemente, assuntos de trabalho mantêm o pai muito afastado do lar e impedem-no de participar equitativamente na educação da criança; todavia, sempre que o possa fazer, ele deveria unir-se à mãe neste labor. Trabalhem os pais em unísono, inculcando no coração dos filhos os princípios da justiça.

Os votos de David, registados no Salmo 101, deveriam ser os de todos aqueles sobre quem repousam as responsabilidades de zelar pelas influências do lar. Declarou David: «Portar-me-ei com inteligência no caminho recto.... Andarei em minha casa com um coração sincero. Não porei coisa má diante dos meus olhos: aborreço as acções daqueles que se desviam; nada se me pegará. Um coração perverso se apartará de mim: não conhecerei o homem mau.

«Aquele que difama o seu próximo, às escondidas, eu o destruirei; aquele que tem olhar altivo e coração soberbo, não o sofrerei. Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que estejam comigo: o que anda num caminho recto, esse me servirá. O que usa de engano não ficará dentro da minha casa: o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos.»

A nossa primeira responsabilidade

O trabalho missionário no lar é um trabalho da maior importância. O nosso primeiro trabalho deveria ser dar essa luz aos que nos estão ligados por laços de sangue e parentesco. Não deve haver negligência da nossa parte em fazer tudo o que pudermos para os levar a uma compreensão do conhecimento que recebemos. «Se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel» (I Tim. 5:8).

Deverá o povo que tem uma solene mensagem a transmitir, para iluminação e salvação do mundo, fazer poucos ou nenhuns esforços pelos membros da sua própria família que ainda não se converteram à verdade? Permitirão os pais que as suas

mentes sejam totalmente ocupadas por futilidades ao ponto de negligenciarem a mais importante de todas as questões: Está a minha família preparada para se encontrar com o Senhor?» Aceitarão eles as grandes verdades que constituem a verdade presente para estes últimos dias e estarão interessados em ver esta mensagem ir a outros povos e a outras terras, enquanto permitem que os filhos, a sua mais preciosa possessão, continuem inadvertidos do perigo e impreparados para o futuro? Permitirão aqueles que pela Palavra de Deus e através do testemunho do Seu Espírito têm recebido clara luz acerca do seu dever, que passem os anos sem fazer definidos esforços para salvar os seus filhos?

Cristo está esperando a cooperação dos instrumentos humanos para poder impressionar os corações das crianças e jovens. Com intenso desejo, os seres celestiais anseiam ver os pais fazerem aquela preparação que é essencial para que eles e seus filhos permaneçam leais a Deus no conflito vindouro e transponham as portas da Cidade de Deus.

Despertem os pais, da sua indiferença e redimam o tempo. Busquem corrigir os erros que cometeram no passado na educação dos filhos. Que aqueles que negligenciaram o trabalho que Deus lhes confiou se arrependam da sua negligência e, no temor de Deus, assumam as suas responsabilidades. Ao buscarem exaltar a lei de Deus na sua vida diária, eles farão essa lei digna de honra aos olhos dos seus filhos.

Questões para debate

1. Que ênfase coloca a sra. White no exemplo dos pais?
2. O que dá particular urgência à necessidade de uma apropriada educação no lar?
3. Se um dos pais falhar, ainda há esperança?

Review and Herald, 12 de Outubro de 1911. (Subtítulo e parágrafos supridos para facilitar a lisibilidade.)



Ellen G. White foi um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que a reconhece como possuindo o dom profético.

Histórias Bíblicas Acerca de Pais e Filhos

POR VIRGÍNIA E CALVIN SMITH

Introdução

A partir do Gênesis e através de toda a Bíblia, há muitas histórias de filhos e suas famílias. Geralmente, são sobre famílias que amam a Deus e se amam uns aos outros. O plano de Deus era que pais e filhos passassem muito tempo juntos e se ajudassem mutuamente. Há alguma história bíblica acerca de um filho que gostem muito? Qual é?

Lá mais para o fim da Bíblia há um livro escrito para crianças. João, que era o discípulo que Jesus mais amava, começa o seu segundo livro, que se chama Segunda Epístola de João, dizendo: «À senhora eleita, e aos seus filhos, aos quais amo, na verdade» (v. 1). Não se sabe quem era esta senhora e os seus filhos, mas segundo o que João escreveu, podemos dizer que eles amavam a Deus e a Jesus. Tinham tomado a decisão de viver a vida cristã, «andando na verdade».

Hoje, nós e as nossas famílias também queremos amar a Deus e uns aos outros. Queremos continuar a aprender como andar na verdade. Que acham que queria dizer o apóstolo João quando escreveu que tinha grande alegria ao ver os filhos andarem na verdade? Como é que vocês podem **andar na verdade**?

Durante esta Semana de Oração vamos ler todos os dias histórias da Bíblia que falam de pais e filhos. Através dessas histórias, aprenderemos mais acerca do plano de Deus para as famílias e sobre o que significa andar na verdade. Teremos tam-

bém histórias de rapazes e meninas como vocês, que vivem hoje, e que passaram por experiências semelhantes às que tiveram essas crianças dos tempos bíblicos.

Nota ao Leitor. O aprender acontece quando nova informação se acrescenta e associa às ideias que já antes tínhamos. Ao lerem estas histórias, gostarão certamente de ajudar as crianças a fazer associação de ideias com as coisas que já lhes são familiares. Anime-as a dialogar consigo tanto quanto possível. Na matéria relativa aos diferentes dias da semana incluímos sempre perguntas simples que podem ajudar a estabelecer esse diálogo. É natural que precise de adaptar as perguntas à maturidade e interesses do grupo. Nós temos instruções divinas para comunicar, comunicar, comunicar com os nossos filhos. Deuteronomio 11:18, 19: «Ponde, pois, estas palavras no vosso coração e na vossa alma... e ensinai-as aos vossos filhos, falando delas, assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.» Se seguirmos as orientações de Deus, as mentes das nossas crianças serão cheias da Palavra de Deus e os nossos filhos andarão mais perto de nós e do seu Salvador.



Virgínia e Calvin Smith são directores-associados do Departamento dos Ministérios da Igreja da Conferência Geral, em Silver Spring, Maryland.

SÁBADO

19 de Novembro

A Única Família Perfeita

Referências: Gén. 1:1-27; 2:15-22; 4:1-8; 5:1-3.

Deus quase acabara de criar o Seu belo mundo novo. Nos três primeiros dias, preparara o céu, a água e o ar, e a parte seca da terra. No quarto dia, apareceram no céu o sol e a lua para iluminar o dia e a noite. Todas as cintilantes estrelas acrescentaram o seu esplendor ao céu. No quinto dia, Deus encheu o ar e a água, que Ele preparara, com aves e seres aquáticos. Pela primeira vez, fez-se ouvir o alegre canto das aves. Pela primeira vez, as baleias andaram de cá para lá a chamar e visitar os seus amigos e a sua família. Os peixes nadavam e saltavam. A terra era uma maravilha. Precisaria de mais alguma coisa? Deus tinha planos fantásticos. No sexto dia Ele encheu a parte seca da terra, que Ele preparara, com toda a espécie de animais e de

pequenos seres rastejantes e formigantes. Os elefantes bramiam. Os leões rugiam. Os cães ladravam e brincavam. Quais são os outros sons que vocês teriam ouvido se estivessem estado lá naquele dia?

Bom, com certeza que Deus já terminara a Sua Criação. Ou faltaria alguma coisa? O que era que faltava?

Deus ainda não tinha feito a Sua mais importante criação! Ele tinha estado a fazer este belo mundo para alguém que o desfrutasse e tomasse conta dele. Quem era? Era Adão e Eva. Com as Suas próprias mãos, Deus modelou Adão do barro do chão. São capazes de imaginar Deus a fazer a cabeça do homem, a seguir o corpo, e os braços e as pernas? Finalmente o corpo de Adão estava pronto, mas es-

tava ali inerte no chão, não se parecia com uma pessoa de verdade.

Então, Deus soprou o sopro da vida nas narinas de Adão. O coração de Adão começou a bater e a bombear o sangue para todo o corpo. O peito de Adão erguia-se e baixava-se à medida que ele respirava. Ele abriu os olhos e viu Deus sorrindo a seu lado. Já alguma vez pensaram no que Adão viu primeiro? Talvez ele tivesse algumas perguntas a fazer. Se vocês fossem Adão, que perguntas teriam feito?

Não passou muito tempo e logo Deus deu a Adão um trabalho para fazer. Ele devia escolher nomes para todos os animais e aves que Deus criara. Havia provavelmente muitas razões para Adão precisar de fazer este trabalho, mas uma era que todos nos sentimos felizes quando temos qualquer coisa que fazer e Deus certamente queria que Adão se sentisse feliz. Mas Deus também queria que Adão reparasse que todos os animais e aves tinham o seu par, feito exactamente à sua medida.

Deus tinha planeado fazer uma surpresa a Adão, naquela tarde, e certificou-se de que Adão ia de facto ficar contente ao recebê-la. Ao trazer todos os animais e aves junto de Adão, para ele os ver e lhes dar nomes, Adão viu que todos estavam aos pares. Mas não havia ninguém como ele. Mesmo tendo um excitante primeiro dia com Deus, talvez Adão tenha começado a sentir-se um pouco só. Talvez tenha finalmente perguntado ao Senhor: «Porque não criaste alguém semelhante a mim?»

Se Adão tivesse feito essa pergunta, imagino que Deus lhe teria dito: «Não te preocupes agora com isso. Vai dormir um pouco, que, quando acordares, vais ter uma surpresa que de certo vais gostar.»

O que é que Adão encontrou quando acordou da sua sesta? Acertaram! Uma bela mulher estava ali, de pé, ao seu lado. Deus apresentou-lhe Eva. Donde viera Eva? Deus tomara uma pequena parte de Adão – uma das suas costelas – e formara Eva. Adão tinha

a certeza que ia gostar tanto dela como de si mesmo, porque, de facto, ela era uma parte dele.

Agora Adão tinha alguém de especial para partilhar a sua vida. É pena que, mais tarde, eles tenham feito uma má escolha e tenham acreditado em Satanás, em vez de acreditarem no que Deus tinha dito. Nessa altura deixaram de ser perfeitos, mas aprenderam que deviam confiar em tudo o que Deus lhes dissesse. E passaram a acreditar que deviam fazer tudo o que Deus lhes dissesse, porque isso é a verdade. Ao fazerem o que Deus lhes dizia, andavam na verdade.

Adão e Eva devem ter tido muitos filhos, mas nós só sabemos o nome de três. Lembram-se destes nomes? Caim, Abel e Seth mostram-nos quão depressa uma família se pode tornar infeliz num mundo pecaminoso. Adão e Eva devem ter chorado muitas vezes por a sua família não ser perfeita. Mas eles tinham aprendido a confiar pacientemente em Deus e a esperar que um dia Ele haveria de pôr fim ao pecado e ajudaria as famílias a serem de novo perfeitas.

Vocês e eu temos famílias que não são perfeitas. Porque somos pecadores, cometemos erros, mas, tal como Adão e Eva, também podemos aprender a confiar no que Deus diz e podemos pedir-Lhe que nos ajude a fazer o que Ele pede. Pelo poder de Deus, nós podemos andar na verdade. Podemos confiar n'Ele para pôr fim ao pecado e ajudar as famílias a serem novamente perfeitas.

Oremos agora mesmo a Deus e agradeçamos-Lhe por nos ajudar em cada dia e por nos prometer que o pecado terminará um dia. Então, todas as famílias – incluindo a nossa – serão perfeitas.

DOMINGO

20 de Novembro

Um Bebê Salvo Pela Sua Família

Referências: Êxo. 1:22; 2:1-10.

Os bebés são muito engraçados. Num minuto balbuciam palavras que ninguém percebe e no minuto seguinte desatam a chorar. A seguir descobrem o que a sua voz pode fazer e só por graça gritam tão alto que até fere os ouvidos. Vocês gostam de brincar com bebés? Tentaram já alguma vez fazer com que um bebezinho ficasse sempre quietinho?

A família de Jacob vivia no Egipto havia cerca de 135 anos.¹ Então o Faraó fez uma lei que mandava que todos os meninos, rapazes, fossem lançados ao Rio Nilo assim que nascessem. Uma família decidiu esconder o seu menino para que este não morresse e ficasse vivo.

Quem terá ajudado a escondê-lo? Acham que a mãe dele passava o dia inteiro a embalá-lo e nunca o deixava gritar? Eu acho que a irmã mais velha, Míriam, era o que hoje chamamos uma «baby-sitter», isto é, ajudava a tomar conta dele. É até possível que o seu irmão Araão também tentasse ajudar, trazendo brinquedos e cantando de maninho para o seu irmão bebé. À noite, quando o pai voltava do trabalho, também ele tomava conta do bebé, para o manter sossegado.

Mas o que é que acontece à voz dos bebés à medida que as semanas passam? Os bebés choram mais alto quando crescem! Quando este bebé tinha três meses, a sua voz era tão forte que

o pai dele, Amram, e a mãe, Jocabed, viram que tinham de fazer qualquer coisa diferente se quisessem conservar vivo o seu bebê. Decidiram fazer exatamente o que Faraó mandava fazer: colocá-lo no Nilo.

Como ele era demasiado pequenino para saber nadar, a sua mãe arranjou um cesto limpo e fez nele uma caminha para o seu bebê e arranjou-o de maneira a não entrar água nele. Depois do bebê beber um pouco de leite e adormecer para fazer um bom soninho, a mãe colocou-o na caminha que lhe preparara. A seguir ela e a mana Míriam levaram o cestinho pelo rio abaixo. Com muito cuidado, escolheram um lugar perto da praia onde a filha do Faraó gostava de banhar-se. O cestinho não podia avançar rio adentro, porque havia muitos juncos que cresciam nas margens do rio e o prendiam, impedindo-o de deslizar para longe.

A mãe do menino voltou para casa e ficou à espera. Míriam fez de conta que estava a brincar à beira do rio. Mas, na realidade, o que ela fazia era vigiar aquela cestinha minuto a minuto. O que acham que a mãe, Míriam e o pai faziam enquanto esperavam e vigiavam e trabalhavam? Eles oravam muito para que Deus velasse pelo seu bebê!

Lembram-se do que aconteceu? A princesa chegou e tal como a mãe e Míriam tinham planeado, ela reparou no cestinho e enviou a sua serva buscá-lo. Quando a princesa abriu a tampa do cesto, talvez a luz tenha acordado o menino e ele começou a chorar. Míriam viu como a princesa gostou do seu irmãozinho e por isso sentiu-se com coragem para correr para ela e perguntou-lhe: «Queres que eu arranje uma ama para ele?» A princesa disse que sim, e Míriam correu como um relâmpago a buscar a sua mãe. Quando eram horas do bebê comer outra vez, já ele estava de novo em casa, com a sua querida família.

Mas várias coisas tinham mudado. Fazem ideia do que agora era diferente? Para já e em primeiro lugar, o bebê tinha um nome! A princesa dera-lhe o nome de Moisés. Outra coisa era que agora o bebê podia gritar e chorar tão alto quanto quisesse. Nenhum mal lhe aconteceria porque a princesa o adop-

tara como filho. Outra coisa diferente era que esta família compreendia agora quanto importante era educar o filho antes de ele ir viver com a princesa para o palácio. A mãe e o pai de Moisés queriam que ele se lembrasse sempre que Deus o amava e tinha um plano para a sua vida. Para seguir esse plano, e ter a melhor espécie de vida, Moisés precisava de aprender tudo o que Deus ensinara. Se decidisse pedir ajuda a Deus, ia poder andar na verdade da Palavra de Deus.

O avô de Moisés, Coath,² e as avós, e os tios e tias, e primos devem ter descoberto bem depressa o maravilhoso milagre que tinha acontecido: a princesa salvara Moisés. Dentro de alguns anos ele iria viver para o palácio. Podia até ser um dia faraó! Todos devem ter ficado desejosos de ajudá-lo a receber a importante informação de Deus para poder estar seguro e feliz depois de ter deixado o lar.

Nós nascemos muito tempo depois de Moisés e sua grande família, mas as nossas famílias são do mesmo modo importantes para nós. Dentro de alguns anos, também vocês deixarão o vosso lar. Estão aprendendo o que a Bíblia diz acerca de Deus?

Daniel é um menino pequeno que gosta de ouvir histórias da Bíblia. Se a mãe e o pai estão demasiado ocupados para lhe ler essas histórias, ele, às vezes, pede ao avô: «Avozinho, conta-me outra história da Bíblia. Eu quero saber tudo acerca de Deus.» O avô gosta de falar com Daniel acerca da Bíblia. Ele sabe que o Daniel precisa de aprender o que Deus disse, para poder crescer e tomar a decisão de andar na verdade da Palavra de Deus.

Deus gosta de vocês – gosta de ti – e tem um plano para a vossa vida, tal como tinha para Moisés. Vamos orar a Deus e agradecer-Lhe pelas nossas famílias. Vamos pedir-Lhe que nos ajude a aprender o que Ele disse, para vivermos no caminho que Ele sabe que é o melhor.

1. *Patriarcas e Profetas*, pp. 759, 760; nota 3; Actos 7:23-30.

2. Êxodo 6:16-20.

SEGUNDA-FEIRA

21 de Novembro

O Pai É Importante

Referências: Gén. 37:3, 4; Patriarcas e Profetas, p. 209.

Vocês tomam algum tempo para falar com o vosso pai? Sentam-se algumas vezes com o pai, para estudar a Bíblia e falar do que esta diz? Oram juntos antes de vocês saírem para a escola, de manhã, e antes de se irem deitar, à noite? Se vocês fazem estas coisas, então são pessoas de sorte, são crianças felizes.

Há uma história na Bíblia sobre um rapaz que costumava passar muito tempo com o seu pai, e também com o avô. Chamava-se José e vivia no seio de uma grande família, o pai, um avô, 11 irmãos, uma irmã e três mães, mas nenhuma era a sua verdadeira mãe, nenhuma lhe dera nascimento. A sua verdadeira mãe, que o dera à luz, era Raquel e morrera quando o seu irmão Benjamim nascera. Fora nessa altura que eles se mudaram para casa do avô e viveram com ele os últimos anos da sua vida. Com tanta gente à sua volta, talvez pensem que era difícil arranjar tempo para falar a sós com alguém.

Ora, Jacob, o pai de José, compreendeu que José precisava que passasse com ele tempo especial. Estão a perceber: a família de José não era uma família perfeita. Jacob tinha três esposas (tivera até quatro, antes de Raquel morrer) e isso causava grandes ciúmes e infelicidade entre as esposas e os filhos. Por isso, Jacob passou a ser um amigo especial para José.

José era o único filho que gostava de ouvir as histórias sobre como Deus tinha guiado a sua família. José gostava de obedecer a Deus. Jacob e José não podiam estudar a Bíblia juntos, porque nesse tempo ainda não havia Bíblia. Isto passava-se 250 anos antes de Moisés ter escrito os primeiros livros da Bíblia. Assim, Jacob e o avô Isaac partilhavam com José tudo o que se lembravam que Deus dissera a pessoas como Adão e Eva, Henoc, Noé e ao bisavô Abraão. Eles contavam e recontavam as maravilhosas histórias de como Deus cuidara deles e os guiara.

O tempo que Jacob e José passavam juntos a falar tornava-os cada vez mais amigos. Mas, mais do que isso, preparava José para o importante trabalho que Deus planeava para a sua vida. Quando José foi levado como escravo para o Egito, ele lembrou-se de todas as histórias acerca de Deus. O que ele tinha aprendido no lar ajudou-o a decidir prestar culto a Deus, acontecesse o que acontecesse.

Kevin é um rapazinho dos nossos dias. Ainda não é suficientemente crescido para saber ler, mas já gosta de estudar a Bíblia. Todos os dias de manhã cedo, salta para dentro da cama do pai e juntos estudam a Bíblia e falam sobre ela. A seguir, fazem oração e pedem para Jesus viver nos seus corações e os ajudar a lembrarem-se do que aprendem cada dia. Kevin prefere discutir Bíblia a brincar com os seus brinquedos. Ele gostaria que o pai pudesse ficar em casa com ele todo o dia. São bons companheiros devido ao tempo que passam juntos a falar. As ideias da Bíblia vão ficando armazenadas na mente de Kevin e nunca o abandonarão. Quando ele for crescido, há-de lembrar-se das conversas que teve com o pai. Quando ler a Bíblia por si mesmo, ela há-de ser para ele um livro que o entusiasma, porque ele conhece-a muito bem e tem boas lembranças do seu estudo. Está acontecendo uma coisa ainda mais importante. Kevin aprendeu que Jesus é o seu melhor Amigo, tal como o pai. Sempre que ele tiver um problema, durante o dia, ele pode rapidamente orar ao seu Amigo Jesus que, de facto, está com ele o dia todo.

Os irmãos de José ficaram muito zangados porque Jacob o amava mais do que a eles. Talvez troçassem de José, dizendo que ele era «o menino do papá»! Foi um erro Jacob ter sido parcial, isto é, ter manifestado preferência por um dos filhos, e isso trouxe-lhe muitos problemas. Às vezes, o pai de Kevin também comete erros. Zangasse e grita. Às vezes, ele leva Kevin para trabalhar com ele e esquece-se que os meninos pequenos se cansam e ficam com fome. Mas tanto José como Kevin são rapazes de sorte por conhecerem a Deus e a Jesus, embora os seus pais não sejam perfeitos.

Oramos neste momento, para agradecer a Deus pelos nossos pais. Peça-mos a Deus para nos ajudar a dedicar mais tempo ao estudo da Bíblia e para nos ajudar a fazer o que achamos que Deus deseja que façamos.

TERÇA-FEIRA

22 de Novembro

A Vida Pode Ser Difícil Para as Mães

Referências: I Samuel 1; 2:18-21, Patriarcas e Profetas, pp. 572, 573.

Quanto trabalho tem a vossa mãe para fazer? Podem lembrar-se de algumas tarefas que faz? A maioria das mães tem tanto que fazer que o seu trabalho nunca está feito. Que fazem vocês para ajudar as vossas mães?

A história bíblica de hoje é sobre um rapazinho que deu muita alegria à sua triste mãe. Lembram-se da história de Samuel? A sua família era outra família que também não era perfeita. A sua mãe, Ana, não teve filhos durante muito tempo e por isso o seu pai

casou com outra mulher. A segunda esposa era muito pouco simpática para Ana e atormentava-a por ela não ter filhos.

Agora que a segunda esposa e os filhos viviam na casa, Ana tinha de longe mais trabalho a fazer. Ana não se importava de trabalhar; só estava triste por não ter um bebé dela, e sentia-se ferida toda a vez que a outra esposa a arrelhiava. O marido amava-a ainda e era bom para ela, mas não conseguia que a segunda esposa deixasse de aborrecê-la.

Quando Ana teve uma oportunidade de ir ao templo, ela chorou e orou, porque estava muito triste e queria muito ter um filho. Eli, o sumo sacerdote, disse-lhe: «Vai em paz; e o Deus de Israel te conceda a tua petição que Lhe pediste» (I Sam. 1:17). Respondeu Jesus à sua oração? Sim, nasceu Samuel. Agora Ana tinha um precioso menino para cuidar. Ela estava tão feliz!

Porque ela orara por este bebé e Deus respondera à sua oração, Ana decidiu dar Samuel ao Senhor, para ser um obreiro no templo. Era um emprego perigoso, porque embora Eli amasse a Deus, os seus filhos, que eram também sacerdotes, eram homens maus. Tornar-se-ia Samuel mau se trabalhasse com eles? Agora Ana tinha mais trabalho do que nunca para preparar Samuel para ser fiel a Deus e andar na Sua verdade, fizessem o que fizessem as pessoas à sua volta.

Sabendo que só tinha Samuel com ela durante poucos anos, enquanto ele era ainda bebé, Ana começou a ensinar-lhe o amor e a reverência a Deus. Deve ter sido muito difícil levar Samuel ao sacerdote Ele e deixá-lo lá. Mas Ana e o seu marido fizeram-no porque ela fizera uma promessa a Deus.

Acham que Ana ficou contente por ter menos trabalho depois do Samuel ter partido? Não acho que as vossas mães ficassem contentes de ter menos trabalho por vocês se irem embora. O que é que Ana podia ainda fazer por Samuel quando ele foi viver para o tempo, com Eli? Podia orar por ele, para que Deus o ajudasse a ser fiel ainda que os filhos de Eli fossem ímpios.

Podia orar por Samuel, para que ele fizesse o seu trabalho bem. Podia também fazer qualquer coisa para ele. O quê? Cada ano ela fazia-lhe algo para ele vestir e levava-lho ao templo, quando ela e a sua família iam lá para adorar. Acham que Ana continuava a ter problemas com a outra esposa? Eu penso que agora ela estava tão feliz com o Samuel e tão ocupada a orar por ele, a costurar e a fazer o seu outro trabalho que não se importava com o que alguém pudesse dizer.

Depois de Samuel ter ido viver no templo, Deus fez uma surpresa a ela e ao marido. Eles tiveram mais filhos. Mais três rapazes e duas meninas. Agora Ana estava *realmente* atarefada. E estava realmente feliz. Deus tinha respondido às suas orações.

E Samuel, podia ele fazer alguma coisa para fazer feliz a sua mãe, enquanto ele vivia no templo? Ele não podia ajudar a lavar a loiça, nem brincar com os bebés. Samuel fez a sua mãe feliz ao andar na verdade. Ele fazia as suas pequenas tarefas no templo e em breve Eli lhe pediu para fazer trabalho mais difícil. Não passou muito tempo e Samuel já estava a trabalhar no templo como um verdadeiro sacerdote. Ele usava a mesma espécie de vestes que os sacerdotes mais velhos. Ele lembrava-se do que Ana lhe tinha ensinado e amava a Deus e queria trabalhar para Ele.

Gostariam de ser como Samuel? O que podem fazer como Samuel?

Um dia três rapazes estavam juntos a falar. Um deles disse: «A minha mãe quer que eu vá direito para casa, mas eu não quero.» O segundo disse: «A minha mãe quer que eu vá direito para casa, mas isso não tem importância. Vamos jogar à bola.» O terceiro rapaz ouvia os outros silenciosamente e pensava para consigo: «Prometi à minha mãe que ia para casa assim que saísse da escola e Jesus quer que eu cumpra essa promessa. A minha ficaria preocupada se eu não o fizesse.» O primeiro rapaz perguntou-lhe:

– Não vens jogar à bola com a gente?

– Não, vou para casa. Talvez a gente

se veja mais tarde.

Qual dos três filhos estava ajudando a sua mãe? Às vezes nós podemos ajudar cumprindo tarefas, mas podemos sempre ajudar as nossas mães a serem felizes se decidirmos viver para Jesus. Oremos agora mesmo e agradeçamos a Jesus pelas mães e peçamos-Lhe que nos ajude a fazer as coisas que são justas.

QUARTA-FEIRA

23 de Novembro

Dá Resultado Trabalhar Juntos

Referências: Gén. 5:25-32; 6:9-22; 7:1-6. História da Redenção, p. 63; Patriarcas e Profetas, pp. 85, 90, 92, 103, 104.

Uma menina chamada Joana tinha uma grande amiga chamada Betânia. As duas meninas gostavam muito de estar juntas. Betânia e Joana começaram até a falar da mesma maneira. Todos nós ficamos cada vez mais parecidos com as pessoas com quem passamos muito tempo. A nossa história bíblica para hoje mostra como as crianças se tornam parecidas com quem elas conhecem melhor. Se as crianças puderem passar uma grande parte do tempo a falar e a brincar com as suas famílias, elas provavelmente decidirão ser bastante parecidas com as suas famílias.

Desde que se podiam lembrar, Sem, Cam e Jafeth tinham sempre visto o seu pai a construir um barco. Quem era o pai deles? Noé começara a trabalhar na arca 20 anos antes dos seus três filhos terem nascido. Eles cresceram a ajudar naquele projecto.

Eles não eram os únicos a ajudar. O bisavô Metusala, o avô Lamech e alguns dos seus filhos e filhas também ajudaram a construir o barco. Que grande projecto familiar era aquele! Deve ter sido emocionante para os três rapazinhos descobrirem as tarefas que os esperavam cada dia quando corriam para ver que tamanho tinha o barco. Eles provavelmente não tinham dinheiro suficiente para comprarem toda a espécie de brinquedos que os outros rapazes da sua idade tinham. Mas isso não tinha importância. Eles podiam estar com um tio de que muito gostavam, ou com o pai, ou com um dos avôs. Gostariam mais de brincar com os vossos brinquedos ou fazer qualquer coisa para ajudar a mãe ou o pai, ou uma outra pessoa de família?

Aqueles rapazes devem ter feito montes de perguntas: «Porque é que a porta está tão acima? Como é que sabemos que vai chover?» Que perguntas teriam vocês gostado de fazer a Noé?

Noé tomava tempo para responder às perguntas dos seus filhos, tal como seu pai Lamech tinha respondido às suas perguntas e o trisavô Henoc tinha respondido às perguntas do seu filho Metusala. Noé explicou aos rapazes que Deus dissera a Henoc 900 anos antes que o dilúvio ia vir sobre a terra. Como Deus era tão amigo, o Seu povo acreditou no que Ele disse. Ele cumpria sempre as Suas promessas. Então Noé contou como Deus lhe dissera exactamente quando o Dilúvio viria e exactamente como construir a arca para que pessoas e animais pudessem ser salvos das águas. Noé provavelmente, não sabia ainda porque é que a porta estava tão ao alto e ao lado.

Noé tinha outra missão além de martelar e serrar madeira. Ele pregava para advertir todas as pessoas sobre o dilúvio prestes a vir. Só poderiam ser salvas se fossem amigas de Deus e seguissem as Suas instruções. Sem, Cam e Jafeth ouviam o seu pai pregar. Ouviam também o que diziam as pessoas que se juntavam para o ouvir.

Algumas destas pessoas pensavam que Noé estava maluco. «O que é que

acontece com aquele homem?» perguntavam. «Nunca caiu água do céu. Nunca correu água em lugar nenhum a não ser em regatos e rios. Sempre nos havemos de lembrar deste louco Noé!» Como se sentiriam se alguém dissesse isso do vosso pai?

Outras pessoas pregavam sermões para discordar da mensagem de Noé. «Deus é demasiado bom para nos destruir e ao nosso belo mundo», diziam aos seus ouvintes. «Deus não vai enviar nenhuma tempestade para nos ferir. Têm à vossa frente muitos anos de uma boa vida.» Que pensariam vocês se ouvissem *esse* sermão?

Algumas pessoas tentaram evitar que outros ouvissem o que Noé dizia: «Para quê ir até ao barco?» perguntavam. «Esqueceram a nossa festa? Não terá metade da graça se vocês não vierem!» Ou talvez tenham dito: «Vocês não podem ir lá. Têm de me ajudar no meu negócio. Pagar-vos-ei muito dinheiro. O que é que Noé pode fazer por vocês?»

Sem, Cam e Jafeth devem ter ouvido este género de comentários, mas quando isso acontecia, eles podiam sempre correr para casa e discutir o assunto com alguém da família. O bisavô Metusala podia ter-lhes dito: «Rapazes, é triste que tão poucas pessoas estejam dispostas a amar a Deus e a respeitar o que Ele diz. Eu já vivi bastante tempo e Deus nunca me desamparou. As pessoas desapontam-me, mas Deus nunca o fez. Eu decidi há muito tempo crer em Deus, digam as pessoas o que disserem. O avô Lamech e a mãe e o pai vão dizer-vos a mesma coisa. Eles foram animados a crer também em Deus.»

O tempo foi passando. O barco ia ficando cada vez maior, sempre a crescer. E os rapazes também. Casaram com mulheres que também amavam a Deus e queriam preparar-se para o dilúvio. O avô Lamech morreu. As tias e os tios que tinham ajudado também morreram. Por fim o barco estava terminado. Então o querido e velho bisavô Metusala morreu também. Agora o grupo que acreditava em Deus era apenas a mãe e o pai, os três filhos e as

suas esposas. Vocês conhecem a história. Fizeram eles bem em crer em Deus?

Oremos agora e agradeçamos a Deus pelas nossas famílias e pelas Suas promessas. Decidamos crer em tudo o que Ele nos tem dito.

QUINTA-FEIRA

24 de Novembro

No Círculo do Amor de Deus

Referências: II Reis 5:1-17; Profetas e Reis, pp. 244-246.

Quantos de vocês amam a Deus? Quantos acham que Deus vos ama? Geralmente, Deus dá aos pais ou outros adultos a responsabilidade de cuidarem das crianças, mas às vezes há emergências que os adultos não podem controlar. Então, de quem é que vocês dependem? Já vos aconteceu alguma vez terem-se separado da vossa mãe e do vosso pai? O que fizeram? Lembrem-se de uma história da Bíblia em que uma menininha foi separada dos seus pais?

Essa menina foi raptada da sua casa em Israel. Tenho a certeza de que a sua mãe e o seu pai teriam dado tudo para a ter de volta. Eles tinham-lhe ensinado a crer e a confiar em Deus. Ninguém sabia que muito em breve ela ia ter oportunidade de pôr em prática tudo o que os seus pais lhe tinham ensinado acerca de confiar em Deus.

Naqueles dias, soldados inimigos dum outro país costumavam entrar sorrateiramente em Israel e capturar quem quer que encontrassem. A Bíblia não nos diz se eles foram lá de noite ou de dia, mas de qualquer maneira eles viram esta menina e levaram-na consigo

para o país deles. Já pensaram como se sentiriam se vos acontecesse uma coisa destas?

A menina deve ter ficado com muito medo. Provavelmente, ela orou a Deus e esperou que Deus a ajudasse a volta para casa e para a sua família. Em vez de responder à oração dela como ela esperava, Deus tomou conta dela onde ela estava e deu-lhe um importante trabalho a fazer.

Ela foi trabalhar para a casa de uma senhora rica, a esposa de Naaman, que era um dos homens mais importantes do país. Ele dirigia todo o exército da sua nação. O que quer dizer que ele mandava até nos soldados maus que tinham raptado a menina. Ela podia ter ficado muito zangada com ele por ter sido roubada à sua família.

Como tinha aprendido em casa a amar e confiar e obedecer a Deus, ela foi capaz de fazer fiel e amavelmente o trabalho que a senhora rica lhe dava a fazer. Ela até sentia pena do marido da senhora, Naaman, por ele estar doente. Lembrem-se da doença que ele tinha?

Por ser tão simpática e fazer tão fielmente o seu trabalho, a esposa de Naaman ouviu-a atentamente, quando ela lhe disse que Eliseu, o profeta de Israel, poderia curar a doença de Naaman. Naaman também acreditou no que disse aquela criança, porque foi ter com o rei da sua nação e contou-lhe que o profeta de Israel podia curá-lo. O rei também acreditou no que a menina dissera. Enviou imediatamente Naaman a Israel com cavalos e soldados e presentes, para pagar a Eliseu para ele fazer o que a menina tinha dito que ele podia fazer. E quando Naaman foi curado (sem presentes para lhe pagar), ele decidiu nunca mais prestar culto a nenhum outro deus senão ao Senhor Deus que Eliseu e a menina adoravam.

Agora, pergunto: Qual era a tarefa mais importante daquela menina? Não era varrer o chão, nem lavar a roupa, nem ajudar a senhora a arrumar a casa. Claro que a menina estava no círculo do amor e cuidado de Deus quando fazia estas coisas. Mas a sua mais importante tarefa era dar a saber ao seu senhor, Naaman, como encontrar a cura e como conhecer e confiar no Deus dos Céus.

Uma menina adventista, de 7 anos, vivia numa cidadezinha da Califórnia e uma sexta-feira voltava da escola da

igreja. Ela tinha na ideia um lindo cântico que tinha aprendido acerca de estar no círculo do amor de Jesus. No dia a seguir a sua escola ia apresentar um programa na igreja e iam cantar aquele cântico. Da escola a casa era muito perto, mas no caminho ela foi raptada. A mãe estava a vê-la andar até casa quando um homem a agarrou e a levou de carro, a grande velocidade. A mãe telefonou imediatamente à polícia e ao pastor da igreja. A estação de rádio anunciou o que tinha acontecido. O helicóptero da polícia começou às voltas por toda aquela área. Toda a família e amigos oravam para que Deus a trouxesse para casa sã e salva.

Entretanto, a menininha começou a cantar o seu hino acerca de estar no círculo do amor de Jesus. Enquanto o homem guiava o carro, ela cantava o cântico uma vez e outra. Durante esse tempo, havia muitas pessoas a orar por ela. Finalmente, o telefone tocou. Uma voz abafada disse à polícia onde encontrar a menina. O homem disse também: «Não percebo porquê, mas não pude fazer nada que magoasse esta garota.»

Imediatamente o helicóptero da polícia se dirigiu para o sítio onde a menina estava amarrada. Assim que ela viu rostos amigos, sorriu e disse: «Não se preocupem. Eu estou bem. Jesus tomou conta de mim. Eu cantei todo o tempo o meu hino!»

A polícia e a família e os amigos, todos ficaram muito contentes por esta corajosa garota ter voltado para casa sã e salva. A rádio anunciou a boa notícia e disse que no dia seguinte, de manhã, ia haver um culto de acção de graças e louvor na igreja adventista, para agradecer a Deus pelo Seu cuidado protector. Houve tanta gente que veio à igreja que algumas pessoas não puderam entrar e ficaram de pé no átrio. A escola da igreja apresentou o seu programa, mas o melhor de tudo foi a menina cantar, diante de toda a congregação, o hino que ela tinha cantado no carro do raptor no dia anterior. Ela foi um testemunho vivo, diante de muitas pessoas, do poder e bondade de Deus.

Oremos e peçamos a Jesus que encha os nossos corações de amor e confiança, para que possamos testemunhar d'Ele. Agradecemos a Jesus pelas nossas famílias, que nos educam e tomam conta de nós. E vamos lembrar-nos

que, aconteça o que acontecer, estaremos sempre no círculo do amor de Jesus e que, por isso, podemos confiar n'Ele.

SEXTA-FEIRA

25 de Novembro

Preparando uma Criança para Servir a Deus

Referências: Lucas 1:5-24, 57-67, 76-80; O Desejado de Todas as Nações, pp. 97-103; Educação, pp. 262-271.

Já sabem de certeza o que vão ser quando crescerem? Sabiam que Deus tem um plano especial para a vossa vida? À medida que crescerem e aprenderem, Deus vai guiar-vos para esse plano. A nossa história bíblica de hoje é acerca de um rapazinho que foi escolhido por Deus para fazer um trabalho especial. Deus disse aos pais daquele rapaz qual seria esse trabalho e eles falavam muitas vezes com João – era este o seu nome – acerca desse trabalho. São capazes de se lembrarem que João na Bíblia era este? Sabemos mais uma coisa: ele era um dos primos de Jesus. A mãe dele, Isabel, e a mãe de Jesus, Maria, eram primas. A nossa história bíblica de hoje é sobre João Baptista quando ele era criança.

Todos os bebés são preciosos e especiais, mas João era um bebé extraordinário por várias razões. O anjo Gabriel veio à terra e disse ao seu pai que lhe ia nascer um bebé. O pai não acreditou no anjo e este fez com que o pai não pudesse falar até o bebé nascer. O anjo Gabriel também disse ao pai do bebé o trabalho que

ele haveria de fazer mais tarde e disse para lhe darem o nome de João. A mãe e o pai de João já eram muito idosos – provavelmente até mais velhos do que os vossos avós. Por isso, o nascimento de João foi uma feliz surpresa.

Poucos dias depois de João vir ao mundo, a família e os vizinhos reuniram-se para festejar e dar o nome ao bebé. Foi então que o pai de João pôde finalmente voltar a falar.

Os pais de João queriam ajudá-lo a preparar-se para fazer o trabalho que Deus lhe designara. A Bíblia indica-nos várias maneiras como eles ajudaram. A vossa família também pode ajudar-vos a prepararem-se para trabalhar para Deus, fazendo as mesmas coisas que os pais de João fizeram.

Primeiro de tudo, eles eram bons amigos de Deus. Acreditaram no que Deus dissera e queriam viver exactamente da maneira que Deus lhes dissera. Assim, ensinaram a João a ser amigo de Deus.

Os pais de João ensinaram-no a amar a Palavra de Deus. João não tinha uma Bíblia como vocês têm. Uma parte da Bíblia nem ainda tinha sido escrita quando ele vivia. Os livros da Bíblia que ele tinha eram escritos à mão em grandes pergaminhos que se enrolavam em rolos. Ele gostava das suas histórias e profecias sobre o que aconteceria no futuro. Como vocês, João ansiava pelo tempo em que poderia brincar com leões e todos os outros animais. A mãe e o pai dele não esperavam pela Escola Sabatina ou outras pessoas, para lhe ensinarem a Bíblia. Gostavam de estudá-la, eles mesmos, como o João.

Os pais ensinaram-lhe a ter cuidado com o seu corpo e a sua mente. Para ser mensageiro de Deus, ele precisava de ser forte e saudável. Eles ajudaram-no a aprender a comer bons alimentos, a trabalhar, a ser limpo e a deixar que apenas boas coisas entrassem na sua mente. João aprendeu a orar: «Querido Deus, eu quero fazer as coisas à Tua maneira, sem me importar com o que os meus amigos façam.»

João cresceu e tornou-se um poderoso pregador. Até baptizou Jesus, e Jesus disse que ele era o maior profeta de todos. Os pais de João ajudaram-no a preparar-se para servir a Deus, ensinando-lhe a ser amigo de Deus, a amar a Palavra de Deus e a cuidar do seu corpo e da sua mente.

Muitas famílias em todo o mundo estão hoje ajudando os seus rapazes e meninas a preparar-se para servirem a Deus. O

que é que vocês estão fazendo nas vossas casas para se prepararem para o trabalho que Deus planeou para vocês? (Nota ao leitor adulto: Por favor, encorage todas as crianças a responderem, para que sintam que se estão preparando para cumprir o plano de Deus para as suas vidas. Talvez eles estejam a estudar a sua lição ou falando acerca de Deus, ou orando, ou ajudando em projectos da Igreja, etc. Sede amáveis, seja qual for a resposta que derem.)

Milhares de rapazes e meninas adventistas estão até aprendendo a pregar enquanto são jovens. Isso significa que podem passar muito tempo com o pai e a mãe, que os ajudam a aprender um sermão. Eles têm muitas oportunidades para estudar a sua Bíblia e podem dar testemunho de Jesus.

Miguel é um amigo de Deus que tem 11 anos e vive na América do Sul. Ele já realizou três reuniões evangelísticas. Seis pessoas foram baptizadas depois das reuniões que ele fez quando tinha 10 anos. Ele foi um dos seis baptizados! Perguntaram a Miguel como é que ele preparava os sermões. Ele disse que a princípio o pai o tinha ajudado. Mas pouco depois ele mesmo os preparava ouvindo os sermões do seu pai, lendo a Bíblia e reflectindo e orando acerca do que devia dizer.

Anabela é uma amiga de Deus que vive nas Filipinas. A sua mãe começou a ajudá-la a aprender de cor sermões de dez minutos quando ela tinha apenas 3 anos de idade. Ela tem estado a pregar desde essa altura e agora tem 8 anos de idade. Anabela gosta de convidar os seus amigos para a Escola Sabatina e de distribuir folhetos que falem de Jesus. Embora ela ainda seja pequena, ajuda na Escola Cristã de Férias e até trabalha na loja de sua mãe.

Miguel e Anabela, e milhares de outros meninos e meninas como eles, encheram as suas mentes com pensamentos de Deus e da Sua Palavra. Eles dizem que ser amigo de Deus e estudar a Sua Palavra ajudou a protegê-los das tentações de Satanás. Em muitos sentidos eles são como João Baptista.

Oremos agora e peçamos a Jesus que nos ajude a ser amigos de Deus como João e Miguel e Anabela. Vamos aprender tudo o que pudermos sobre a Palavra de Deus e sobre a maneira de cuidarmos dos nossos corpos e das nossas mentes. Busquemos oportunidades de testemunhar de Jesus mesmo enquanto somos jovens. Então,

quando crescemos, estaremos preparados para fazer o trabalho que Deus nos designou.

SÁBADO

26 de Novembro

Com Jesus na Família

Referências: Lucas 2:39-52; O Desejado de Todas as Nações, pp. 68-74; 84-92.

Quando vocês cantam «Se na família está Jesus, é feliz o lar», já alguma vez pensaram no tempo em que Jesus era um rapazinho e vivia com seus pais na cidade de Nazaré? Como acham que seriam as coisas se Jesus estivesse realmente na vossa família?

Sabemos que Jesus trabalhava com o Seu pai, José, na oficina de carpintaria. José ensinava-Lhe a usar as ferramentas e a fazer coisas úteis de madeira. Jesus trabalhava muito, porque queria ajudar José e sentia-Se feliz por fazer todas as coisas o melhor possível. E quando Jesus estava a trabalhar, Ele não tinha momentos de ócio em que Satanás O tentasse.

Sabemos que Jesus tinha irmãos mais velhos, que eram filhos de José. Eles não eram muito amáveis. Embora Jesus fosse uma pessoa com quem dava gosto estar, eles procuravam arrelhiá-l'O e tentá-l'O a juntar-se a eles para fazer coisas más. Quando Jesus recusou, eles ficaram zangados e ciumentos, porque Ele confiava em Deus para ajudá-l'O a fazer o que era recto. Mas como é que Ele os tratava? Fizessem o que fizessem, Jesus era sempre bondoso e cortês. Gostariam de ter um irmão com quem fosse agradável estar, que nunca fazia nada de mau, e que era amável, apesar do que vocês fizessem?

Nós sabemos que os vizinhos de Jesus gostavam d'Ele. Ele estava sempre a ver se precisavam de ajuda. Embora Jesus e a Sua família fossem pobres, se alguém estava doente, ou com fome, ou com frio, Ele arranja maneira de prover às suas necessidades. Às vezes, Jesus dava a Sua própria comida a uma pessoa faminta. Os vizinhos também gostavam de Jesus por Ele cantar. Quando eles estavam desanimados, os alegres cânticos de louvor a Deus, que Jesus cantava, faziam-nos recordar o lar celestial de que um dia desfrutaríamos.

Sabemos também que Maria, a mãe de Jesus, foi a Sua primeira professora. Não sabemos se ela teve mais filhos, e como os filhos de José eram muito mais velhos, Jesus era como se fosse filho único. Ele e Sua mãe passavam muito tempo juntos, estudando as Escrituras. Maria ensinou-Lhe as próprias palavras que Ele falara a Moisés. Porque o menino Jesus era realmente Deus. Lembram-se das palavras que Ele falou a Moisés?

Maria também ajudava Jesus a aprender a amar o estudo da natureza. Ela sabia que Ele precisava de tempo para estar sozinho, para pensar por Si mesmo, com Deus como Seu Professor. Quando Jesus olhava para as coisas criadas, sempre pensava o que é que a natureza podia ensinar-Lhe acerca de Deus. Ele sabia que um dia ia poder partilhar essas ideias com outras pessoas.

Vocês vão aprender, tal como Jesus. E ao irem conhecendo a Deus, através da Bíblia, os anjos vão estar perto de vocês. A vossa mente fica mais forte e vocês cada vez mais semelhantes a Jesus. Ao olharem para as belas plantas e seres que Deus fez, vão apreciá-l'O e amá-l'O cada vez mais.

Maria, José e os irmãos de Jesus viviam com Ele na mesma casa e viam-n'O todos os dias. Nós não podemos fazer isso, mas Jesus quer viver no nosso coração todos os dias. Não podemos vê-l'O, mas podemos falar com Ele. O que é que vocês podem fazer para ter Jesus na vossa família?

Haverá alguma forma de serem um auxílio em casa, no jardim ou na horta? São vocês simpáticos com os vos-

sos irmãos e irmãs, para que eles entendam mais acerca de Jesus? Costumam ter oportunidades para estudar a Bíblia com a vossa família?

Jónatas era um menino de apenas 3 anos, que gostava de ouvir as suas histórias bíblicas favoritas uma vez e outra, muitas vezes. Uma das histórias de que ele mais gostava era a de David, o menino pastor, que guardava os rebanhos do pai. Jónatas ouvia as histórias tantas vezes que aprendia de cor todas as palavras. A mãe dele pensou para si mesma que talvez ele conseguisse aprender as palavras exactas da Bíblia e, assim, ela ajudou Jónatas a arranjar um pequeno livro. Cada página tinha uma pequena frase do salmo que David escreveu sobre o Senhor ser o seu Pastor. Jónatas e a mãe arranjaram bonitas gravuras para ilustrarem cada página.

Quando o livro ficou pronto, Jónatas gostava tanto dele que queria que a mãe o lesse em cada culto que faziam em casa. Em poucas semanas ele aprendeu esse capítulo da Bíblia. Ele e a mãe fizeram mais livros e mais capítulos da Bíblia e gostavam muito do tempo que passavam a fazer os livros. Quando Jónatas tinha 5 anos, ele já sabia de cor 40 capítulos da Bíblia. A sua mente estava repleta de maravilhosos pensamentos sobre Deus e o Seu Livro.

Vocês também estão enchendo as vossas mentes com ideias da Palavra de Deus? Que espécie de ideias entram na vossa mente todos os dias? Vocês e a vossa família podem ter Jesus a viver sempre nos vossos corações. Trabalhem juntos, ajudem os outros, falem uns com os outros, estudem juntos a Bíblia e passem tempo a desfrutar a natureza que Deus criou para vocês. Vão ver que amarão mais a Deus e uns aos outros, que a vossa mente ficará mais forte e que não-de ficar preparados para se encontrarem pessoalmente com Jesus, quando Ele vier.

Oremos agora para que Jesus ajude cada um de nós a crescer fisicamente e em sabedoria, tal como Ele cresceu, quando era menino nesta terra.

Mensagem do Presidente da Conferência Geral

Prezados companheiros na Fé Adventista:

A expressão «lar e família» deveria despertar em cada coração sentimentos de alegria e trazer à lembrança emoções de tempos agradáveis, experiências positivas e preciosas recordações.

Infelizmente, porém, isso não acontece para um número cada vez maior de pessoas – não apenas no mundo em geral, mas também na igreja. Os caminhos da sociedade dos nossos dias estão cheios de acidentes – homens e mulheres quebrantados, jovens quebrantados, crianças quebrantadas.

Os secularistas podem ver estas coisas como fenómenos sociais. Mas os Cristãos – especialmente os Adventistas do Sétimo Dia – deveriam ver nestes acontecimentos as maquinações do maligno num esforço implacável para destruir uma instituição que dá estabilidade a toda a estrutura da civilização: o lar, a família.

Qual é o papel da igreja nesta hora crítica? Como pode ela funcionar como fonte de conforto e cura num mundo tão deficiente? Como pode ela exaltar os eternos princípios e simultaneamente fazer prova da ternura e compaixão de Jesus?

Esse é o nosso desafio – extremamente difícil, às vezes aparentemente impossível. Mas não devemos desanimar. Não devemos esquivar-nos. Como comunidade redentora, temos de *estar lá*, para que os que sofrem possam contar connosco.

É esta a mensagem subjacente às leituras desta Semana de Oração. Os autores, muitos dos quais casais escrevendo em conjunto, falam com uma vasta experiência e anos de estreita comunhão com o Senhor. Vão certamente achar cada artigo prático, terra-a-terra, susceptível de provocar reflexão, e espiritual. Nós queremos que estas leituras encorajem e fortaleçam, e não que condenem. O nosso inteiro propósito é redentor.

Nenhum lar é à prova de desastre. Nenhum casamento está imune a fracturas. Nenhuma família está livre da destabilizante influência do inimigo. A nossa única salvaguarda está em Deus. «Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; se o Senhor não

guardar a cidade, em vão vigia a sentinela» (Sal. 27:1).
S e j a qual for a forma da vossa família, p ã n d e Deus em

primeiro lugar. Seja a família constituída por uma ou dez pessoas, ou mais, que cada dia vos encontre de joelhos diante do Senhor, suplicando-Lhe orientação e poder. «Se já houve um tempo em que cada casa devia ser uma casa de oração, esse tempo é agora....Devia imanar uma luz brilhante de cada lar cristão.... Destes lares, de manhã e à noite, as orações ascendem a Deus como suave incenso, e as Suas misericórdias e bênçãos descem sobre o que as suplicam como orvalho da manhã.» (*Patriarcas e Profetas*, p. 144.)

Está o vosso lar em ruptura, ou desfeito? Aqui encontrareis conforto! Têm familiares amigos ou vizinhos com coração quebrantado? E para quem a promessa de felicidade se desvaneceu? Porque não os convidar a partilhar estas leituras convosco?

Mais do que isso: convidai-os a ler a *Revista Adventista* regularmente. Ela tem artigos e notícias que constituem uma fonte de inspiração e encorajamento para todos os nossos crentes. A experiência tem demonstrado que a leitura da nossa Revista nos ajuda a ficar perto de Deus, uns dos outros, e da igreja.

Seja qual for a sua situação, meu irmão, minha irmã, tenha coragem! Deus está do seu lado!

Seu dedicado irmão



Robert S. Folkenberg

Robert S. Folkenberg é presidente da Conferência Geral dos A. S. D.

